

[DRAMATURGIA]

TÍBETI,  
O GNOMO

PATRACA,  
O PALHAÇO  
ASTRONAUTA

---

textos para  
ler e encenar

Joanita Ramos

---

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
Parana 

**ABC**  
*projetos culturais*

**TÍBETI,  
O GNOMO**

**PATRACA,  
O PALHAÇO  
ASTRONAUTA**

---

textos para  
ler e encenar



## Ficha Técnica

### Autora

Joanita Ramos

### Coordenação editorial

Alessandra Pirroncello Bucholdz/  
ABC Projetos Culturais

### Coordenação de produção

Arte Telúrica  
Conceito – Gestão Cultural  
Dali Projetos Criativos

### Revisão

Luiz Fernando Cheres

### Supervisão gráfica

Dyego Marçal

### Editoras assistentes

Ana Maria Bourguignon de Lima  
Thaís Cunningham Gomes

## Editado por ABC Projetos Culturais

Rua Sebastião Marcondes Ferreira, 22 – Oficinas  
Ponta Grossa/Paraná – CEP 84.035-610  
e-mail: adm@abcprojetos.com.br  
WhatsApp: (42) 99839-4207  
@abcprojetosculturais

R175	Ramos, Joanita Tibeti, o gnomo. Patraca, o palhaço astronauta: textos para ler e encenar/ Joanita Ramos. Ponta Grossa: ABC Projetos Culturais, 2025. Coleção Outras Palavras. 61p.  ISBN: 978-65-86870-76-3 ISBN: 978-65-86870-93-0 (e-book)  1. Literatura brasileira. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Dramaturgia. 4. Teatro. I. T. II. Coleção Outras Palavras.  CDD: 028.5
------	--

Esta obra foi selecionada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC-PR) no Edital de Concurso nº 005/2020, Outras Palavras – Prêmio de Obras Literárias. A editora ABC Projetos Culturais foi escolhida pela SEEC-PR, por meio do Chamamento Público nº 011/2023 - Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias, para realizar a publicação, conforme critérios previamente estipulados. O conteúdo publicado na obra é de inteira responsabilidade de seu(s) organizador(es) e/ou autor(es).

**TÍBETI,  
O GNOMO**

**PATRACA,  
O PALHAÇO  
ASTRONAUTA**

---

textos para  
ler e encenar

Joanita Ramos

# SUMÁRIO

CARTA SOBRE COMO ENTRE A AUTORA E SUAS HISTÓRIAS EXISTE A VIDA	5
TÍBETI, O GNOMO	16
FICHA TÉCNICA DA PRIMEIRA MONTAGEM DE TÍBETI	36
PATRACA, O PALHAÇO ASTRONAUTA	37
FICHA TÉCNICA DA PRIMEIRA MONTAGEM DE PATRACA	55
TERMOS TEATRAIS PARA INICIANTE	56
SOBRE A AUTORA	60
SOBRE A EDITORA	61

## CARTA SOBRE COMO ENTRE A AUTORA E SUAS HISTÓRIAS EXISTE A VIDA

Quando as duas histórias para ler e encenar contidas neste livro chegarem às crianças, é porque um artista ou educador terá atuado como mediador e propiciado acesso a elas. Sinto que a esse adulto devo algumas palavras, começando por dizer o que considero mais importante em se ler, contar, encenar uma história como a de *Tíbeti*, o *Gnomo*, a de *Patraca*, o *Palhaço Astronauta* ou qualquer outra: o ato em si, a presença.

Um fenômeno interessante se observa quando artistas conseguem chegar a um bom resultado a partir de um texto de dramaturgia para crianças ou quando um simples contador de histórias consegue, igualmente, estabelecer um elo de comunicação efetivo com seu público, seja uma criança ou um grupo delas. A história, o autor e/ou o portador da história, juntos com o receptor, compõem uma espécie de “circuito afetivo”.

Nasci num lar sem livros e meus primeiros contatos com a literatura foram por meio de contadores de histórias genuínos, que só tinham como recursos a voz e um repertório limitado pela sua memória e a dos seus ancestrais. De uma dessas agentes da literatura falada, minha mãe, ouvia sempre as mesmas histórias. Creio que não chegavam a meia dúzia e frequentemente tinham “final aberto”, já que ela pegava no sono antes de mim. Dava-me assim a oportunidade de fazer minha própria releitura do final de cada história e a sensação de que era eu quem a fazia dormir.

Essa memória afetiva, junto a outras que se sobrepuseram a ela, ajudou a constituir meu próprio vínculo com a palavra e meu enlace com a imaginação.

Tentando contribuir para uma rica recepção dos textos pelo adulto e abrir ainda mais o leque de possibilidades desta fusão de horizontes — o da autora e o do receptor —, gostaria

de revelar como eu mesma signifiquei e venho ressignificando alguns aspectos desses textos desde que os escrevi; contar alguns fatos sobre o desenrolar da escritura e das primeiras montagens realizadas, e apresentar resumidamente as histórias com que pretendi dizer algo às crianças.

No texto *Tíbeti, o Gnomo*, o menino Lucas se recusa a falar ou brincar desde que perdeu sua avó Zeza. A amiga Gabi consegue retomar o diálogo com ele ao falar por meio de Tíbeti, um dos muitos bonecos feitos pela falecida Zeza.

A partir da fala, a raiva se manifesta. Depois de sua catarse, Lucas segue com Tíbeti para a floresta de origem do gnomo, onde este pretende resgatar sua namorada Francileide. Ela fora aprisionada pelo “Bicho Podre”.

Nesse outro mundo, de brincadeiras desafiadoras, Lucas conhece a família e amigos de Tíbeti, incluindo uma cigarra “bicho-grilo” e um tatu que, numa referência à literatura de Sidônio Muralha, é gago.

Tíbeti ajuda o menino Lucas a visitar, sem medo, as lembranças da avó e, assim, descobrir a história do Bicho Podre, que também tinha sido feito por ela. Conhecendo melhor o Bicho, são capazes de armar um plano para uma entrada “transversal” até o fundo do poço onde ele vivia e criar uma estratégia para fugir com Francileide. Ao saírem do buraco, notam a falta da Cigarra e revela-se que ela decidira ficar para montar, com o Bicho Podre, uma dupla musical.

Ao voltar ao seu mundo cotidiano, Lucas reencontra Gabi, e ambos voltam a brincar com os fantoches da bonequeira Vó Zeza, como sempre faziam quando ela ainda estava por perto. Trata-se de metateatro, num texto já adaptado para formas animadas.

*Patraca, o Palhaço Astronauta*, é propositalmente mais “verborrágico”, justamente no intuito de valorizar a palavra, sobretudo a palavra poética. É a história do palhaço que se imagina astronauta e tem a fantasia de chegar à Lua e lá fundar um novo mundo.

Por pensar de modo diferente — fora de padrão, ou “fora da casinha” —, Patraca é tido por louco e afastado de seus amigos, Luna e Osmar, ao ser internado em um hospital “de normas e tal”.

Com a cobertura das crianças e de uma mãe “transgressora”, no melhor dos sentidos, o interno escapa dos muros em que foi confinado, levando junto seu criativo veículo cheio de badulaques — na verdade, uma obra de arte criada nos dias de internamento.

Ao fim da história, confirma-se que Patraca, independentemente de ser ou não portador de algum transtorno, é certamente um poeta. A fantasia patraquiana inspira a participação de todas as personagens na criação de “outro mundo”. Nesse inusitado universo, terráqueos de todas as idades, raças e jeitos poderão exercitar livremente devaneios, exageros, curiosidades e outros “sintomas de poesia”.

Como autora, não tive a pretensão de diagnosticar Patraca. Afinal, se ele tem ou não algum transtorno não importa às crianças. Sua suposta “anormalidade”, em relação ao que se espera convencionalmente, não o torna menos interessante a elas. Dizem dele, simplesmente, “é nosso amigo”.

Essa peça traz um conflito aparentemente menos denso, ou tenso, que o verificado em *Tíbeti*, *o Gnomo*, pois envolve menos suspense e aborda mais suavemente os aspectos de frustração e risco. Trata de liberdade criativa, utopia e amizade — elementos que o mundo tanto precisava à época, a virada do século, e continua precisando.

## **HISTÓRIAS QUE LUTARAM PARA SAIR DA “GAVETA”**

Minha pesquisa sobre gnomos partiu de uma queixa da atriz e produtora Regina Vogue. Querendo montar uma peça sobre o tema, ela já havia feito diversos pedidos a outros profissionais da palavra, mas ainda não tinha um texto em mãos.

“Me traga um texto sobre gnomos que eu monto” — afirmou, no início de 1992, quando trabalhávamos para a estreia de *O Menino Maluquinho*, adaptação do livro homônimo de Ziraldo.

Poucos dias depois, a própria Regina me comunicava que, logo em seguida à nossa conversa sobre a encomenda, o dramaturgo Edson Bueno lhe entregara um texto com personagens gnomos.

Ficando o dito pelo não dito, logo em seguida li *Tíbeti* para as amigas Fátima Ortiz e Rosy Greca, com quem volta e meia compartilhava meus originais. Em seguida deixei o texto em seu estado imperfeito, preso num arquivo de word.

Assim, a peça ficou por mais de 20 anos, até que, na casa de Renato Perré, conhecido ator, diretor e bonequeiro paranaense, avistei “meu” personagem, em forma de um grande boneco, sentado em uma poltrona. “É o Tíbeti”, exclamei espantada pela coincidência entre aquela figura encontrada ao acaso na sala do artista e a imagem que eu tinha do Tíbeti em minha cabeça.

Meu espanto despertou a curiosidade de Perré, que, depois de ouvir a história relembrada por mim, quis conhecer o texto escrito.

Costumo, quando terceiros querem ler meus textos não publicados, solicitar ao interessado ou interessada a leitura em voz alta. Minha alegação é a de que os textos dramáticos são “vacionados” para serem lidos, ou ditos, em interação, e que isso também me ajuda a detectar as fragilidades do texto. Mas recentemente descobri que me aproveito da curiosidade alheia para reviver a gostosura de ouvir minhas histórias em voz alta.

Naturalmente, trata-se de uma estratégia da minha criança interna para amenizar a saudade daqueles momentos com minha mãe, que já deve ter virado uma roseira ou um pé de pera, como diria a personagem Vó Zeza ao brincar sobre a morte. Ou, melhor dizendo, sobre como permanecemos vivendo de algum modo, caso nossa ação seja minimamente transformadora.

A escuta, treinada desde meu papel de plateia para a literatura oral, até minha vida adulta como entrevistadora, tem me ajudado a detectar os conteúdos que carecem de modificação nos textos com que procuro enredar o espectador ou espectadora.

Para encurtar a história, em 7 de junho de 2015, depois de aprovação em edital da Fundação Cultural de Curitiba, *Tíbeti*, o *Gnomo* estreava no Teatro do Piá. Adaptei o texto para uma peça de Formas Animadas, com a ajuda — e as décadas de experiência nessa área — do artista Renato Perré e outros parceiros da Cia. Filhos da Lua, decididos a montar o espetáculo.

Da estreia de *Tíbeti*, no meio de 2015, saltam em minha memória a brilhante trilha sonora (Candiê Marques e Doriane Conceição); o figurino sóbrio e elegante, livre dos excessos de frufus comuns no teatro para crianças (Paola Burkot); e uma aterrorizante, emocionante e divertida cena com técnica de sombra, idealizada por Perré para apresentar o mergulho dos personagens no buraco do Bicho Podre. Esse buraco é para mim uma metáfora da depressão infantil, problema que se agrava em diversas partes do mundo. Mas para a criança pode ser simplesmente a morada do bicho da tristeza, que Lucas consegue vencer.

O fato é que, graças a tal cena, o Bicho Podre fez mais sucesso do que o personagem-título ou o protagonista. Vi, naquele pedaço do espetáculo, um garotinho fugir para fora do teatro, voltando em seguida — para meu alívio — curioso e orgulhoso por enfrentar seus medos.

Pode parecer assustador que uma personagem de teatro afete de tal maneira uma criança. Mas lembremos que as histórias têm — historicamente — nos ensaiado para o enfrentamento dos medos e das neuroses, além de nos ajudar na compreensão dos outros e de nós mesmos.

Algum tempo depois da estreia de *Tíbeti*, participei na Europa de algumas experiências e diálogos sobre migração.

Havia também me hospedado no interior da Turquia, sob os cuidados de um refugiado sírio que me contara, mais com gestos do que com palavras, como seu filho tinha perdido a audição por conta de uma bomba jogada sobre o lugar onde viviam. Passei a entender, então, que Tíbeti era um estrangeiro no meu país de sacis e boitatás — um imigrante, agora aceito no meu mundo multicultural. E assim eu superava, finalmente, o preconceito que sentia contra o gnomo, culpando-o por ser ele um elemento estranho à cultura das crianças brasileiras.

Quanto à peça *Patraca, o Palhaço Astronauta*, estreou em novembro de 2017, produzida pela Céu Vermelho/Cia. do Abração, me impressionando sobretudo pelos cuidados com a proposta visual em todos os detalhes e pela dedicação do jovem elenco.

Ao contrário de Tíbeti, *Patraca* não foi criado por encomenda, mas surgiu enquanto eu atendia ao pedido de uma amiga, Glória Kirinus, para ler com propósitos de interlocução, sua tese de pós-doutorado que viria a ser publicada no livro *Synthomas de Poesia na Infância*. A pesquisa incluía questões envolvendo o imaginário e o ser mitopoético que há em cada um de nós e que, em muitos casos, é confundido com transtornos de comportamento.

Influenciou-me também uma reportagem que escrevi a partir de informações de agências internacionais e entrevistando astrônomos de Curitiba, para a editoria Mundo, de um jornal impresso curitibano. Ao assunto “turismo espacial” juntou-se a figura de Guy Lalibertè, fundador do Cirque du Soleil, anunciando que seria o primeiro palhaço espacial do mundo — e de fato foi, em 2009.

Nessa constelação de imagens, referências e inspirações, entraram ainda impressões de uma entrevista que fiz com Austregésilo Carrano, militante do Movimento de Luta Antimanicomial, sobre os sofrimentos impostos aos internos de hospitais psiquiátricos, que inspiraram seu livro *Bicho de Sete Cabeças* e o filme homônimo, da diretora Laís Bodanzky.

Finalmente associei tudo isso à arte de Bispo do Rosário, que fez de um hospital psiquiátrico seu ateliê de criação.

Patraca ficou mais de década confinado num arquivo de Word, como quase tudo o que escrevo sem *deadline* (linha da morte), como chamamos a pressa — e pressão — que é característica do jornalismo diário.

Demorei muitíssimo a encontrar o nome *Patraca, o Pa-lhaço Astronauta*, pois o caso exigia um título suficientemente simpático e brincalhão, mas com alguma sonoridade poética. Iguamente difícil foi criar uma cena de desospitalização que coubesse no universo lúdico da criança.

Meu desejo era que a história de Patraca se tornasse um estímulo à aceitação das singularidades e um instrumento de valorização do espírito criativo e da vontade de colaboração. E assim funcionasse como antídoto ao individualismo exacerbado, à competição e à busca de “normalização” dos comportamentos, que têm levado muitas crianças, e também adultos, a serem medicados de forma, por vezes, desnecessária e inconsequente. Com esse propósito elaborei pessoalmente o projeto de montagem do espetáculo, com a ajuda do produtor e artista Daniel Valenzuela.

O mesmo projeto, com pequenas adaptações, foi apresentado três vezes em editais da Fundação Cultural de Curitiba, até ser aprovado pela Céu Vermelho/Cia. do Abraço, garantindo finalmente os recursos para a produção do espetáculo. Ao entregar o projeto àquela companhia, fiz um alerta quanto ao fato de o texto exigir ainda alguns cuidados, sobretudo alguns cortes.

Meu interesse, nessa escritura, foi explorar a aceitação de diferentes modos de pensar e de ver o mundo e o texto. Assim, por uma questão de coerência, não poderia ter outra atitude, senão autorizar que o grupo que abraçava o Projeto Patraca fizesse as adaptações desejadas, de acordo com seu próprio modo de olhar para o texto. E me surpreendi ao constatar a diversidade de estímulos que um texto pode disparar,

quando colocado à disposição do imaginário de um grupo de criação.

Todo diretor — ou talvez todo artista — tem uma necessidade compreensível de colocar no seu trabalho elementos de sua própria subjetividade. Desse modo, o texto é uma obra. A encenação é outra obra — uma obra derivada, mas outra. Faça questão desse esclarecimento como um convite para que o leitor se entregue aos textos, sem compromisso com as montagens já realizadas, ou que venham a ser.

A essência de Patraca é que nos coloca diante do desafio da coerência do artista: o de também exercitar a tolerância e aceitação de outros modos de pensar e de sentir. Não basta apenas escrever, encenar ou interpretar uma obra sobre tolerância e aceitação. É preciso inserir, no processo criativo e nas relações entre artistas e produtores, os valores que se quer difundir na obra.

Tratar desse assunto me faz lembrar de uma entrevista com o francês Charles Hadji, teórico da Educação da Universidade de Grenoble, com quem compartilhei, como mediadora, uma mesa redonda no II Congresso Internacional dos Expoentes da Educação. Naquele ano de 2002, ele já nos chamava a atenção para o grande desafio dos educadores do século 21, o de preparar as crianças para conviverem com outros de outras “tribos”.

O teatro e toda criação artística clamam de nós a coerência no seu processo, porque é também o resultado de camadas de experiências, e de “leitura”, no sentido que Paulo Freire lhe atribuiu... A “leitura de mundo”, que fazemos das próprias experiências, do que os nossos sentidos captam, das histórias reais ou ficcionais, vividas ou contadas por outros, e até das experiências que imaginamos que o outro viveu.

Nessas inúmeras camadas, toda leitura que cada um de nós faz — seja de um livro ou de uma peça de teatro, lida ou encenada, — é mediada por leituras anteriores, no contexto de todos os aspectos culturais que nos atravessam e nos constituem como criadores, leitores e espectadores. Cada cama-

da de leitura é ampliadora do repertório para futuras leituras. Por isso *Patraca* é poeta. Por isso ele traz, dentro e fora de sua “cápsula”, múltiplas opções de livros e de leituras.

Evidentemente, a autora ou autor, a diretora ou diretor, assim como o elenco e outros criadores envolvidos em uma peça de teatro jamais podem ter um repertório de experiências e de leituras — de textos e de mundo — coincidentes.

Assim, a montagem de um espetáculo nunca é o que o autor imagina. Nem o encenador ou elenco podem esperar que um texto dramático se encaixe plenamente na sua própria subjetividade. A encenação de um texto dramático não pode ser outra coisa senão uma combinação de diferentes universos. É também uma oportunidade de “outrar”, de exercitar a alteridade.

Contudo, é importante termos clareza, ao lidarmos com a arte e com a vida, de que as diferenças de pensamento não ocorrem apenas entre diferentes sujeitos. Mas também no mesmo sujeito em diferentes momentos.

Assim, como dois filhos dos mesmos pais podem ser diferentes, ainda que tenham algo em comum no DNA, as duas obras apresentadas neste livro, feitas pela mesma autora pensando na criança, têm aspectos muito diversos.

Por ser preparado para a modalidade de formas animadas, *Tibeti* traz mais informações técnicas — o que exigirá adaptações e supressões, se for apresentado às crianças em forma de leitura dramática. *Patraca*, por sua vez, tem uma forma que se aproxima mais da poesia e praticamente pode ser lido como está, ou tornado mais sucinto, conforme a faixa etária do público-alvo.

Ao ser encenado, *Patraca* permite aos artistas bastante inventividade nas partituras corporais e construções de cena, e exige bastante estudo quanto à embocadura, ao modo de dizer o texto.

*Tibeti* tem mais ação, enquanto *Patraca* é mais “verborrágico” — justamente porque foi feito para tratar da relação da criança com a palavra — e da relação entre a palavra e o imaginário.

Nesse aspecto não posso deixar de lembrar os estudos de Lev Vygotsky, famoso educador russo que nos mostrou, em sua curta, mas intensa vida de pesquisador, como a linguagem ajuda a estruturar o pensamento. Esse pensador sugere que é na relação com os outros que nos tornamos nós mesmos e que, por meio das brincadeiras, a criança ensaia desempenhar os papéis para os quais ainda não está apta.

*Patraca e Tibeti* têm em comum a relação das crianças com os brinquedos e as brincadeiras. E a lida com a separação, a saudade, os vínculos de afeto, o poder de imaginação da criança e o poder de criação do adulto. Abordam, nas entrelinhas, a família monoparental e a aquisição da autonomia pelos pequenos, que começam a buscar soluções para seus problemas, com e sem a ajuda dos adultos, conforme a complexidade da situação.

Nos dois textos aqui apresentados, o mistério está presente — seja dentro de um baú, de uma cápsula espacial, da incompreensível morte da avó, da floresta ou dentro da própria criança — que é, em si, um “grande mistério do universo”.

Ambos — a história do palhaço maluco e do gnomo amoroso — trazem personagens infantis que ampliam suas possibilidades de relação com a natureza e de comunicação com os antagonistas. Ambos se deparam com limites e frustrações em suas aventuras. E, nos dois textos, há figuras estranhas ao meio.

No metateatro de *Tibeti*, assim como no exterior da cápsula patraquiana, as trocas culturais acontecem “naturalmente”, incluindo estranhamentos e aprendizagens entre os seres de diferentes meios ou diferentes características. Esses aspectos em comum não foram propositais. Suponho que tenham surgido de minha própria subjetividade como autora e também das culturas que me atravessam ao mesmo tempo em que desejo interferir nelas, acreditando que é para essa interferência que um autor escreve.

Não há vilões permanentes, porque não acredito na dicotomia “mocinho e bandido” e não contribuo para sua propa-

gação entre as crianças. Os vilões são desconstruídos antes do final da história e os heróis são imperfeitos.

Os dois textos que lhes deixo aqui registrados têm uma certa “gordura” proposital, que creio ser benéfica ao encenador ou encenadora, pois lhe oferece a liberdade de suprimir pequenas partes do texto dramático, sem que necessariamente tenha de encontrar outros elementos para substituí-los.

Por fim, quero dizer que estamos em um momento do mundo em que necessitamos clareza do que precisa ser dito e da importância da arte no “como dizer”. Sobretudo às crianças. Isso traz para o texto dramático, que é a dimensão literária do teatro, uma grande responsabilidade e, ao mesmo tempo, uma necessidade de revalorização. E, se escolho publicar aqui uma carta dirigida a você, em vez de uma “Introdução” ou “Apresentação” convencional, é porque a carta pode ser respondida, se o receptor assim desejar.

Portanto, está implícita nesta carta a possibilidade de receber sua resposta. Seja para me contar sobre alguma leitura do texto, expressar curiosidades, relatar interpretações provocadas pelos textos, ou as iniciativas que eles suscitarem, inclusive novas montagens. Esse pode ser um modo de compartilharmos a mencionada responsabilidade e revalorização.

O receptor costuma acreditar que o autor está demasiado longe, o que nem sempre é fato. Para provar o contrário, registro aqui meu endereço eletrônico e contato no Instagram, junto com meu abraço: [jornalistajoanitaramos@gmail.com](mailto:jornalistajoanitaramos@gmail.com) e [joanitaramos.curitiba](https://www.instagram.com/joanitaramos.curitiba); e aguardo suas palavras — ou imagens — a respeito.

Joanita Ramos, em 18 de novembro de 2020.

# TÍBETI, O GNOMO

## TEATRO DE FORMAS ANIMADAS

### PERSONAGENS

Lucas, o menino;

Gabi, a menina;

Lúcio, pai de Lucas;

Dona Zeza, vó de Lucas;

Tíbeti, boneco gnomo;

Francileide, boneca gnoma;

Pluna, fada que fala em um idioma estranho;

Cigarra, a *hippie*;

Tatu, o gago;

Bicho Podre, que é a própria tristeza;

Tibúrcio, vô do Tíbeti;

Betina, vó do Tíbeti.

### AMBIENTAÇÃO

Um balcão central servirá a espaços cênicos diferenciados no decorrer da encenação. Na abertura do espetáculo, o balcão representará a sala da casa de Lucas e abrigará uma cadeira de balanço, um tapete e uma escada que leva ao sótão. Ao balcão será acrescentada uma janela móvel.

Nas cenas do sótão, a janela e a escada serão retiradas; o balcão abrigará um baú com bonecos e um tapete; e uma pequena tapadeira móvel se agregará a ele, sendo retirada nas cenas da floresta.

### TÉCNICA DE ANIMAÇÃO DOS BONECOS

Animação direta ou transversal, bonecos de luva e silhuetas de sombra.

## CENA 1

### A TRISTEZA DE LUCAS

*Toca a música instrumental. Lucas/boneco está triste na janela. Entra Gabi/boneca.*

**Gabi:** Lucas!

*Lucas continua cabisbaixo. Não responde.*

**Gabi:** Lucas! Vamos brincar?

**Gabi** (*Para a plateia, enquanto Lucas fica olhando pela janela.*): Já estou até cansada de tanto convidar o Lucas pra brincar. Mas eu tenho uma ideia. Quando o Lucas ficava emburrado e não respondia, a Vó Zeza fazia algum boneco conversar com ele. E com o boneco ele falava! Eu trouxe o Tíbeti, que a vó do Lucas fez pra mim, um dia em que ela começou a fazer um monte de bonecos lá no sótão. E aí ela falou, pra mim e pro Lucas, que, quando morresse, ela ia virar uma boneca de nuvem ou um pé de araquá. Sei lá. Só sei que ela morreu. Por isso que o Lucas não quer mais falar com a gente. Será que ele fala com o Tíbeti?

**Tíbeti** (*Voz.*): Ouvi meu nome, alguém me chamou aí?

**Gabi** (*Para Tíbeti.*): Ainda não, Tíbeti, tem outra coisa que eu quero contar pra eles. (*Para a plateia.*) Às vezes a Vó Zeza deixava a gente ajudar a fazer os bonecos e depois ensinava a fazer teatro com eles. Ela era a avó mais legal do mundo e nunca mais a gente vai poder brincar com ela. No começo meus olhos até pingavam de saudade. Mas é que hoje eu estou com muita vontade de brincar. Agora sim, Tíbeti, (*Mostra o Tíbeti.*), dá oi para o pessoal.

**Tíbeti** (*Boneco de luva animado por Gabi.*): Oi, pessoal. (*Gabi, em cumplicidade com a plateia, se aproxima de Lucas e prepara o boneco para falar com o menino. Muda seu tom de voz.*) Oi, Lucas.

*Lucas olha o boneco, mas não responde.*

**Tíbeti:** Que é isso, Lucas, você sempre foi meu "chapa".

*Lucas parece não entender.*

**Tíbeti:** Ih, ele não sabe o que é “chapa”. “Chapa” quer dizer companheiro, camarada. Foi sua avó que me ensinou isso. Ela também me ensinou outras coisas, quer saber?

*Lucas não responde.*

**Tíbeti:** *(Para a plateia.)* O Lucas sempre foi muito curioso. *(Para Lucas.)* “Lição 1 da Vó Zeza: o importante é ser rico? Não. O importante é ser bonito? Não. O importante é ser magro? Não. É ficar feliz em tempo integral na rede social? Não. *(O boneco leva um cutucão da Gabi.)* O importante é ser um bom chapa! Diga lá, então: quem é o meu amigo?”

*Silêncio*

**Gabi:** Que mais você aprendeu com a Vó Zeza, Tíbeti?

**Tíbeti:** Deixa pra lá. O Lucas não vai falar com a gente.

**Gabi:** Vai, sim, Tíbeti.

**Tíbeti:** Ah, tem outras lições da Vó Zeza que eu não entendi direito e o Lucas também não.

**Gabi:** Quer que eu explique pra ele, Tíbeti?

**Lucas:** Não. Fala pra dona sabe-tudo que não quero que explique nada.

**Gabi:** Ué, por que não?

*Silêncio, Lucas continua emburrado.*

**Tíbeti:** A sua amiga sabe-tudo, quer dizer, a sua amiga Gabi quer saber por que não.

**Lucas:** A vó disse que tem coisa que a gente só entende depois que fica velho.

**Tíbeti:** Ah, mas ficar velho demora muito. Você vai ficar aí, só pensando, até entender tudo, tudo? É melhor a gente fazer aquela viagem para a floresta encantada.

**Gabi:** Quanto tempo será que demora pra chegar nessa floresta, Lucas?

**Lucas:** Não sei.

**Tíbeti:** Ah, o tempo lá é diferente. A gente pode ir e voltar e fazer tudo numa noite.

**Lucas:** Tudo o quê? Que é que vocês vão fazer lá?

**Tíbeti:** Tenho de salvar minha namorada.

**Lucas:** Namorada? Namorada de gnomo?

**Gabi:** Ué, quem mora na floresta também... Você sabe... (*Riem encabulados.*)

**Tíbeti:** Só que a minha namorada foi sequestrada.

**Pai:** (*Do sótão.*) João Lucaaaaaasss!

**Tíbeti:** Chiii! É voz de pai brabo.

**Pai:** Lucaaaaaaas! Estou lhe chamando, menino.

**Tíbeti:** Eu ligo depois. (*Gabi vai saindo.*)

**Lucas:** Não, vem comigo.

**Tíbeti:** Lá no sótão? Oba!

### **Música: Lá pra cima**

Vamos lá pra cima/ subir cada degrau/ quanto mais a gente sobe, mais levanta o seu astral/ já passou aquele tempo/ que te fez entristecer/ que deixou tudo sem graça/ fez você se esconder/ a hora é de seguir cada passo parar/ pode ser bem rapidinho ou até bem devagar/ vamos lá pra cima.../ o que vai acontecer?/ só subindo pra saber/ descobertas, desafios/ aventura pra valer/ vamos lá pra cima/ sobe rápido e canta com rima.

## **CENA 2**

### **O BICHO PODRE**

*Os dois sobem rapidamente a escada para o sótão, onde está o pai que será representado na técnica de boneco marote (rosto e mãos humanas com corpo de boneco).*

**Pai:** João Lucas, eu não entendo como você conseguiu fazer esta bagunça, meu filho. Se isso acontecer de novo, vamos ter de nos livrar de todos esses bonecos. Entendeu?

**Lucas:** Mas, pai...

**Pai:** Não tem desculpa, desta vez, Lucas.

**Gabi:** Oi, seu Lúcio.

**Pai:** Oi, Gabi. Desculpe o mau jeito, mas o João Lucas está aprontando demais ultimamente.

**Gabi:** Puxa, parece que jogaram os bonecos no ventilador. (*Aproxima-se de alguns bonecos.*) Que fofura. Aquele ali é o saci?

Lucas não responde. Vai organizando os bonecos em caixas.

**Pai:** É, Gabi. A Vovó Zeza, digo, a minha mãe, estava fazendo uma coleção sobre lendas das matas. Mas ela foi pro céu antes de terminar.

**Gabi:** Como será que é o céu, seu Lúcio?

**Pai:** Acho que é um sótão cheio de bonecos e de bonequeiros fazendo mais bonecos. Eu sinto muito Gabi, mas acho que o seu amigo só vai poder brincar mais tarde. Agora ele tem de organizar tudo aqui.

**Gabi:** Posso ficar e ajudar o Lucas, seu Lúcio?

**Pai:** Pode, sim, Gabi. Se o João Lucas quiser. *Silêncio.*

**Gabi:** Ele não disse que não, seu Lúcio.

**Pai:** Bem, bom trabalho pra vocês. (*Sai.*)

**Tíbeti:** Tchau, seu Lúcio. (*Para Lucas.*) Por que você fez essa bagunça toda?

**Lucas:** Não fui eu, foi o Bicho Podre. Tudo que ele faz, o pai pensa que fui eu. O Bicho Podre faz assim e assim... (*Vai atirando coisas, bagunçando mais, pega o tapete e se cobre com ele imitando o Bicho Podre.*)

*Começa a tocar a introdução instrumental do rock da raiva.*

**Gabi:** Para de bagunçar Lucas!

*Lucas faz uma pose ameaçadora para assustar Gabi e começa a cantar rock da raiva:*

## **Rock da raiva**

**Lucas:** Chegou o Bicho Podre/ chegou pra te pegar/ vou comer sua alegria/ só tristeza vai restar.

**Gabi:** Sai, seu Bicho Podre/ para de bagunçar/ você pode ser monstrengo/ mas não vai me apavorar.

**Lucas:** Ah, é?/ Agora você vai ver/ a minha raiva quebra tudo/ e vai te fazer tremer/ a minha raiva quebra tudo/ a minha raiva quebra tudo/ a minha raiva quebra tudo...

*Lucas tropeça e cai, finalizando o rock bruscamente.*

**Tíbeti:** Quebrou tudo esse Bicho Podre!

**Gabi:** Ei, Tíbeti! Não foi esse Bicho Podre o tal que sequestrou a sua namorada?

**Tíbeti:** O próprio, ele mesmo, esse desaforado, maquiavélico, sombrio, estapafúrdio Bicho Podre. E agora não tem mais jeito. Com ou sem você, meu chapa, eu tenho de ir hoje à noite. Você vem ou não vem? (*Silêncio.*) Fala logo. Não fica aí com esse nó na garganta, senão você vai acabar chorando e eu não gosto nada de choro de criança. (*Silêncio. Lucas continua emburrado.*)

**Gabi:** Nem ligue, Lucas, se seus olhos quiserem, deixem que eles pinguem que isso faz muito bem pra saúde... Quer dizer, faz bem pra... Ah, faz bem. (*Para Tíbeti.*) eu acho que o Lucas tem medo de que você vá embora e não volte mais, igual a Vó Zeza.

**Tíbeti:** Não, eu não vou morrer, não, meu chapa. É que eu preciso mesmo resgatar minha namorada. E você, Lucas? Já gostou de alguma menina? Hein?

**Lucas:** Como amiga?

**Tíbeti:** Não, um pouco diferente...

**Lucas:** (*Envergonhado.*) Eu não.

**Gabi:** Ai, Lucas, você não entende nada dessas coisas do coração.

**Tíbeti:** É, meu chapa, não entende! Não posso deixar a minha namorada presa lá, com aquele monstro, e não fazer nada (*Desânimo.*), embora eu não tenha a mínima ideia ainda do que é que eu vou fazer.

**Gabi:** Lucas, eu acho que você devia ir lá, ajudar a salvar essa princesa.

**Lucas:** Não é princesa, é gnoma.

**Gabi:** Que seja gnoma, se eu fosse essa princesa aí, quer dizer, essa gnoma, eu ia gostar que viesse um herói que nem você pra me salvar. Além do mais, o Tíbeti não disse que você é “chapa” dele? E chapa é amigo. E amigo é amigo. É pra essas coisas mesmo. *(Tira a fita que prende o seu cabelo em rabo de cavalo e dá a Lucas.)* Toma. Pra você ter sorte. E agora eu é que não vou falar com você até você salvar a coitadinha da princesa gnoma.

**Lucas:** Nem o Tíbeti vai falar comigo?

**Tíbeti:** Claro que vou, meu chapa.

**Lucas:** Tíbeti, tive uma ideia.

**Tíbeti:** Ideia? Fala. Que ideia é essa?

**Lucas:** Ir pra floresta com você.

**Tíbeti:** Ah! Entendeu tudo, agora que a Gabi explicou, hein? Hummm, minha namorada ia achar isso tão romântico. Bem, vamos às providências práticas.

*Começa a tocar a versão instrumental da música “O Mistério do Baú”. Gabi vai para trás da pequena tapadeira. Lucas pega seu fone e vai atrás de Gabi. Gabi sai da tapadeira com Tíbeti carregando um bauzinho.*

**Lucas:** Que é isso?

**Tíbeti:** É uma obra de arte da Dona Efigênia. Um baú bem colorido, como a minha namorada gosta!

**Lucas:** Que é que tem dentro dele?

*Começa a introdução da música “O mistério do baú”.*

**Tíbeti:** Você é muuuito curioso, meu chapa. Eu não posso contar. A namorada tem de ser a primeira a saber. É a tradição.

### **Música: O Mistério do Baú**

O baú tem um mistério/ a sete chaves trancado/ um segredo de outro mundo/ lá no fundo bem guardado.

**Lucas:** Então, pra saber, eu vou ter de ir até lá onde ela mora?

**Tíbeti:** Não era isso que você queria? Ir para uma aventura na floresta?

**Lucas:** É, mas...

**Tíbeti:** Mas?

**Lucas:** É que eu acho que vai me dar uma saudade do pai...

**Tíbeti:** E da Gabi também, não é? Tudo bem, você pode desistir, meu chapa. Pelo menos, essa conversa toda serviu pra você entender a saudade que eu tenho da minha namorada e do meu lugar. Então, meu chapa, até nunca. *(Abre os braços para abraçar Lucas.)*

**Lucas:** Não, espere. Eu vou. *(Nova hesitação.)* Chiiii...

**Tíbeti:** Chiiii... Vai desistir de novo?

**Lucas:** Como vou falar para o pai que vou sair por aí com você, se ele nem acredita que boneco fala?

## CENA 3

### PREPARAÇÃO PARA A AVENTURA

**Pai:** *(Aparece na janela.)* João Lucas, termina isso logo, menino!

**Lucas:** Pai, a gente já terminou!

**Pai:** Já terminaram? Puxa, parabéns, crianças.

**Lucas:** Agora a gente pode brincar na tapadeira da Vó Zeza?

**Pai:** Podem brincar na tapadeira, sim.

**Lucas:** Oba!

**Gabi:** Vamos lá, então.

*O pai entra na brincadeira, pega uma boneca fada que não estava em exposição e a movimentada, surpreendendo Lucas.*

**Lucas:** *(Para Pluna.)* Quem é você? Uma fada?

**Pai:** É sim. É a Pluna.

*Pluna dá uns grunhidos delicados.*

**Lucas:** O que ela disse?

**Pai:** Gabi, acho que o Tíbeti pode ser o nosso tradutor.

**Gabi:** Boa ideia, seu Lúcio!

**Tíbeti:** Lucas, ela disse que você nunca entrou na magia de uma floresta. Não é tão fácil assim. Vai ter que seguir as regras, entende?

**Lucas:** Estou sabendo.

**Pluna:** *(Para Lucas.)* Quandivirilotucho cadimili vodomiludigi. Mivó quici beá cadicepá.

**Tíbeti:** *(Traduzindo.)* Ela disse que você terá que voltar na hora que ela chamar.

**Pluna:** *(Entregando um cristal a Lucas.)* Jubililo cosiveró.

**Tíbeti:** *(Traduzindo.)* Esse cristal o avisará.

**Pluna:** Amidioaculô birili caci pepá.

**Tíbeti:** Quando ele se tornar luminoso, estará na hora de voltar para casa e dormir.

**Pluna:** Pitreporá volunogue dilu tredô?

**Tíbeti:** *(Traduzindo.)* Promete voltar nesse momento?

**Lucas:** Palavra de escoteiro.

**Pai:** Lucas, eu nem tinha notado esse bauzinho simpático aqui. Não foi sua avó que fez isso, não. Foi você?

**Lucas:** Não. Foi a dona Efigênia.

**Pai:** Mas que artista impressionante! Que criativa! Ela me lembra o Bispo do Rosário... *(Continua a elucubrar, sem som, sobre dona Efigênia enquanto Lucas fala para a plateia.)*

**Lucas:** Que sorte. Ele não abriu o baú da namorada do Tíbeti. *(Para o pai.)* Pai, posso viajar pra floresta encantada esta noite?

**Pai:** Quê? Está precisando voltar a brincar, hein, filho?

**Lucas:** Estou, eu acho.

**Pai:** Certo. Mas amanhã, escola bem cedo. Esta noite, curta seus sonhos de menino, meu filho. Tive uma ideia. *(Liga pelo celular.)* Oi, estou ligando pra saber se a Gabi poderia dormir aqui em casa hoje. Ela e o Lucas estão brincando. E estamos tão felizes que ele se animou a brincar de novo... Obrigado. Se ela não quiser ficar, eu a levo para casa. Mas duvido. Eles estão tão embalados na brincadeira, está bonito de ver.

**Pai:** Gabi, você quer dormir aqui esta noite?

**Gabi:** Claro. Uhuuuu!

*Gabi e Lucas comemoram com gestos e rodopios.*

**Lucas:** Pai, você já foi lá?

**Pai:** Aonde?

**Lucas:** Na floresta encantada.

**Pai:** Claro que sim, filho.

*Pai começa a anunciar a aventura. Começa a tocar música instrumental que remete à floresta. Lucas e Gabi vão para trás da tapadeirinha.*

**Pai:** Atenção, crianças! Preparem-se! A aventura vai começar!

## CENA 4

### NO MUNDO DE TÍBETI

*A história agora é apresentada na tapadeira grande, com bonecos de luva. Tibeti e Lucas atravessam a floresta, levando, além do presente da namorada, o fone de ouvido, o cristal recebido de Pluna e a fita recebida de Gabi. Personagens caminham pela floresta, animadamente. O dia vai amanhecendo. Árvores e grutas vão sendo colocadas no cenário. Param em frente a uma árvore de onde saem dois gnomos já idosos.*

**Tíbeti:** Chegamos, Lucas. Veja, a minha casa!

**Tibúrcio** (*Gnomo.*): Quem vem lá?

**Betina** (*Gnoma.*): É o nosso neto Tibeti!

**Tíbeti:** Vó! Vô! Estou de volta!

*Tatu aparece.*

**Tatu:** Tí-tí-Tíbeti, você vo-voltou!

*Tatu vê Lucas e se assusta com ele.*

**Tatu:** Ohh! O que-que traz aí, que-quem é esse ga-ga-roto?

**Tíbeti:** Não se assuste, meu caro Tatu. É o meu amigo Lucas. Veio me ajudar a libertar minha Francileide.

**Lucas:** Francileide? Que nome esquisito!

**Tíbeti:** Nós, gnomos desta floresta, somos batizados com a junção dos nomes dos nossos ancestrais. Os avós da minha namorada chamam-se Francisco e Cleide, por isso, ela foi batizada como Francileide.

**Lucas:** Os seus avós, já sei. Tibéria e Tinoco?

*Todos riem.*

**Tibúrcio:** Não, Lucas. Eu me chamo Tibúrcio.

**Betina:** E eu, Betina. Prazer!

**Tibúrcio:** Por isso, Tí...

**Betina:** Beti.

**Tíbeti:** Ei, o sol já está brilhando e nem sinal do canto do meu despertador.

**Lucas:** Despertador que canta? Você tem um galo, Tíbeti?

**Tíbeti:** Não, meu chapa, é outro bicho cantante!

*Aparece a Cigarra, com sua roupa hippie, cantarolando e com gestos saudando o Sol, a Terra, a natureza.*

**Tíbeti:** Sabe, Lucas, o trato era que a Cigarra me despertasse todo dia bem cedinho com o seu canto, mas ela é sempre a última a acordar!

**Cigarra:** Bom dia, Tíbeti! Está na hora de acordar.

**Lucas:** Mas ele já está acordado faz um tempão!

**Cigarra:** Podes crer! Ei, e você? Eu não te conheço, mas tô sentindo uma energia "manêra".

**Tíbeti:** Esse é o Lucas. Veio para ajudar a libertar minha Francileide.

**Cigarra:** O único jeito de resgatar a Francileide é entrando no buraco do Bicho Podre. É lá que ela está presa. Mas ninguém até hoje saiu vivo de lá. Só mesmo um herói pra conseguir essa façanha. Ei, peraí! Essa energia boa que eu sinto agora... É "vibe" de herói! É isso! Lucas, você é um herói!

**Lucas:** Eu? Herói? (*Lucas fica encabulado.*) Tá bom, mas eu preciso de voluntários para ir comigo.

**Tatu:** Eu-eu vou!

**Cigarra:** Ei, sossega aí, eu também sou voluntária! "Tô dentro".

*Tíbeti e Lucas se olham e riem. O menino, o Tatu e a Cigarra se despedem dos outros gnomos e partem. A música instrumental volta a tocar. Todos se envolvem em uma longa caminhada. Saem as árvores do cenário e entra o toco oco (a boca do buraco). Ouve-se um som de urro de monstro. Lucas e Tíbeti sondam pelo buraco.*

**Lucas:** É muito fundo esse buraco.

**Tíbeti:** O que vamos fazer?

**Lucas:** Trouxe a corda? *(O gnomo entrega a corda ao menino.)* Vamos fazer um teste. *(Solta a corda no buraco. Ouve-se um urro do Bicho Podre e Lucas puxa a corda, rompida quase por completo.)* Esse não é um bom jeito.

**Tíbeti:** Ai, minha Francileide...

*A Cigarra e o Tatu andam sem parar, pensativos. De vez em quando cochicham, como quem teve uma grande ideia, e balançam a cabeça negativamente, desanimados.*

**Lucas:** Bom, já que é perigoso descer pela boca do buraco, o jeito vai ser criar outra entrada. Tatu, você pode fazer um túnel pela terra, que nos leve até o fundo do buraco do Bicho Podre?

**Tíbeti:** Isso mesmo. Chegando por baixo podemos surpreendê-lo. Tudo bem, Tatu?

**Tatu:** Cla-claro. Tu-túnel diagonal saindo!

*O Tatu sai para trás da borda da boca do buraco do Bicho Podre, mas volta em seguida.*

**Lucas:** Que foi?

**Tatu:** É que-que não adianta fa-fazer o túnel pra che-chegar lá, se não ti-tiver um bom plano para co-combater o Bicho Podre... Vamos se-ser só o-outras vi-vi-vítimas.

Ouvem-se novos urros do Bicho Podre. Todos estremecem.

**Tíbeti:** Seria mais fácil se a gente soubesse mais sobre o Bicho Podre. Sua avó nunca lhe falou nada sobre ele, Lucas?

**Lucas:** Acho que não. Eu não me lembro.

**Tíbeti:** Posso fazer você ter um encontro com sua avó pra saber.

**Lucas:** Mas ela já foi pro bebeléu. Quer dizer, pro céu.

**Tíbeti:** Você pode ter uma lembrança dela, do momento em que ela lhe falou do Bicho Podre.

**Lucas:** Não sei, não. Eu tenho medo.

**Tíbeti:** Tem medo das lembranças de sua avó?

**Lucas:** Não, medo de lembrança eu não tenho.

**Tíbeti:** É só lembrança, mais nada. Fecha os olhos. (*Lucas obedece.*)

## CENA 5

### ENCONTRO COM A CORAGEM

*Sons de vento anunciando a entrada da música “Vó Zeza”. Começam a aparecer nuvens feitas de espuma ou algodão ao fundo da tapadeira. Uma das nuvens se transforma no rosto da Vó Zeza. Começa a locução com a voz da avó.*

**Vó Zeza:** Lucas...

**Lucas:** Vó, eu lembro de você. O que você está fazendo?

**Vó Zeza:** Estou aqui, vendo o tempo passar.

**Lucas:** Como assim?

**Vó Zeza:** Tem duas maneiras de ver o tempo passar. Ficar olhando o ponteiro do relógio ou ficar olhando o movimento das nuvens, enquanto elas passam. Qual você prefere, Lucas?

**Lucas:** As nuvens, claro. Foi nelas que você caçou aquele bicho horrível, aquele mais feio de todos?

**Vó Zeza:** Foi. Quer saber a história dele?

**Lucas:** Quero.

**Vó Zeza:** Então senta aqui e vem ver o tempo passar comigo, enquanto escuta. (*Lucas acomoda-se junto à avó.*) Era um dia escuro, depois de muitos dias escuros. As nuvens estavam carregadas e pareciam reclamar o tempo todo, do tempo e de tudo.

*Outra nuvem se movimenta.*

**Vó Zeza:** O sol, teimoso, não queria brilhar, e elas estavam se queixando disso, quando desenharam o Bicho Podre com seus traços cinzas e feios.

*A nuvem se transforma em Bicho Podre.*

**Vó Zeza:** Eu o batizei de Bicho Podre, porque ele pegou a doença dos dias escuros, de ficar reclamando de tudo. E ele fica tão ocupado com isso, que nunca consegue prestar atenção na beleza dos dias claros. Mas sabe o que é mais perigoso? É que quem fica ouvindo muito as suas lamentações, vai ficando triste, e vai ficando triste, e vai ficando “xaropé”, azedo, com cara de papel amassado...

**Lucas:** O que será que podia curar a doença do Bicho Podre?

**Vó Zeza:** Não sei, Lucas. Só sei que eu não estou com essa doença e ficaria muito contente se você topasse fazer comigo um boneco, para nós darmos à Gabi no aniversário dela. Vem cá. Está vendo o desenho que as nuvens estão formando no céu?

*Outra nuvem se movimenta e se transforma num gorro.*

**Vó Zeza:** É um gnomo. Olha o gorrinho dele (*Tíbeti toca no gorro, se reconhecendo na descrição.*) Olha lá o nariz (*Tíbeti toca o nariz.*), um pouco mais pra baixo.

**Tíbeti:** Lucas. Lucaaas!

*A avó desaparece. Lucas volta ao tempo presente da cena.*

**Tíbeti:** E então? Lembrou?

**Lucas:** O Bicho Podre fica reclamando, se lamentando, e quem fica perto dele pega a doença dos dias escuros. É a doença da tristeza, da chateação, do mau humor. A Francileide vai morrer de tristeza se ficar muito tempo lá, com ele.

**Cigarra:** A Francileide? Morrer de tristeza? (*Todos riem.*) O Bicho Podre vai ter muito trabalho pra isso acontecer.

**Tíbeti:** É verdade, a alegria da minha Francileide não acaba nunca. Você, sim, que já anda meio triste, bastava uns cinco minutos com o Bicho Podre para ele acabar com você.

**Lucas:** Eu não estou mais triste.

**Tíbeti:** Você tá sempre choramingando, não tem vontade de nada, não tem coragem.

**Lucas:** Tenho sim. A Cigarra até falou que eu sou herói.

**Tíbeti:** Medrosão, chorão!

**Lucas:** *(Tapando o ouvido com a mão.)* Lálálálá... Epa! É isso. É só tapar o ouvido. Vamos deixar de conversa, Tíbeti, e tirar sua namorada de lá. Vem comigo, Tatu.

**Tíbeti:** Deixa que eu vou com o Lucas.

**Lucas:** Não, você fica aqui, vigiando com a Cigarra. O Tatu vai cavar o túnel diagonal. Não se preocupem, dessa vez eu tenho um plano: vou usar meu fone de ouvido pra entrar lá, assim não escuto o Bicho Podre. O Tatu distrai o monstrengo e sai rapidinho. Enquanto isso eu ajudo a sua namorada a escapar. *(Sai rapidamente, seguindo o Tatu.)*

**Tíbeti:** Parece que a lembrança da avó deixou o meu chapa mais corajoso.

**Cigarra:** Podes crer. Manda ver Lucas, nosso herói!

*Toca outra música, sugerindo aventura. Tíbeti e Cigarra saem de cena.*

## CENA 6

### O BURACO DA TRISTEZA

*A tela de sombras se acende, mostrando o primeiro quadro.*

**Quadro 1 de sombras:** *Tatu cavando, seguido por Lucas, enquanto o cenário vai sendo revelado.*

*A luz da tela é apagada. A cena volta para a tapadeira.*

**Tíbeti:** Acho que eles estão demorando muito!

**Cigarra:** Será?

**Tíbeti:** Eu vou pular!

**Cigarra:** Calma, calma. Vamos dar mais um tempinho.

*Tíbeti e Cigarra saem de cena. A tela de sombras se acende novamente.*

**Quadro 2 de sombras:** *Close do Bicho Podre choramingando. A transição para o próximo quadro é feita com a fusão da saída desfocada da figura do Bicho Podre e a entrada do cenário do buraco.*

**Quadro 3 de sombras:** *Francileide aparece, fugindo do Bicho Podre, que a persegue. Quando os dois voltam para o lado direito, a cabeça do Tatu aparece e some rapidamente no canto oposto, e depois acontece o mesmo com a cabeça do Lucas. Ainda no canto direito, o Bicho Podre captura Francileide. Tatu cruza o buraco bem rapidamente. Bicho Podre vê o Tatu, joga Francileide, vai atrás do Tatu e os dois somem pelo lado direito. Lucas aparece e vai até Francileide. Entra o close da Francileide, desfocado, enquanto saem o cenário, Lucas e Francileide.*

**Quadro 4 de sombras:** *Close da Francileide e mãos colocando o fone de ouvido. Tela se apaga. Sai a figura da Francileide. Volta o cenário do buraco. Luz da tela se acende.*

**Quadro 5 de sombras:** *Tatu reaparece do lado direito e vai subindo pela parede até chegar na saída. Bicho tenta pegar o Tatu sem sucesso. Enquanto isso, Lucas ajuda Francileide a alcançar a corda. Bicho Podre tenta pegar Francileide, também sem sucesso. Lucas tenta fugir pela corda e Bicho Podre captura o menino.*

*Tela se apaga. Na tapadeira, o Tatu reaparece pelo toco.*

**Cigarra:** Tatu, você voltou! Mandou ver!

**Tíbeti:** Mas e a minha Francileide?

**Francileide:** *(Saindo do toco.)* Estou aqui, meu benzinho.

**Tatu:** E o Lu-Lu-Lucas? E-ele não conse-seguiu sa-sa-sair!

**Francileide:** *(Para o Tíbeti.)* Precisamos devolver o fone para o Lucas. Só assim ele vai conseguir escapar do Bicho Podre, meu benzinho.

**Cigarra:** Deixa comigo, Francileide. Eu vou ajudar o menino com alma de herói. *(Pega o fone de ouvido.)* Eu vou com a cara, a canção e a coragem!

*Cigarra pula no toco. Todos saem de cena. Tela se acende.*

**Quadro 6 de sombras:** *Bicho Podre enfraquece Lucas. Saem o Bicho Podre e Lucas desfocados. Sai o cenário.*

### **Música: Reggae da Cigarra – Parte 1**

Há, há, há, há / Há, há, há, há, há.../ Que bicho é aquele lá?/ Não é bicho, é um alecrim/ O que trará? Há, há, há, há/ Alegria pra você/ Alegria pra mim/ Há, há, há.../ Vamos rir/ há, há, há, há/ O mundo curtir/ há, há, há, há/ Como um dia bem brincado/ Tudo assim, lado a lado/ Quem não era amigo seu/ Vai agora te dizer: não faz mal o que doeu/ Vamos juntos inventar/ mais motivos pra abraçar...

**Quadro 7 de sombras:** *Close da Cigarra cantando. A Cigarra vai sendo desfocada até sair do quadro.*

**Quadro 8 de sombras:** *Close do Bicho Podre. Sai Bicho Podre, sendo desfocado.*

**Quadro 9 de sombras:** *Close de Lucas e mãos segurando um fone de ouvido. Sai Lucas com o fone, sendo desfocado. Entra cenário do buraco.*

**Quadro 10 de sombras:** *Aparece a Cigarra cantando para o Bicho Podre, do lado direito. Enquanto isso, Lucas pula, alcança a corda e sai do buraco. A Cigarra continua cantando para o Bicho Podre. Tela se apaga.*

*Na tapadeira, Lucas aparece pelo toco enquanto o “reggae da Cigarra” vai finalizando. Todos festejam a volta de Lucas, até o Tatu notar a falta da Cigarra.*

**Tatu:** Ca-ca-cadê a Ciga-garra?

**Todos:** É mesmo. Cadê a Cigarra?

*Volta o Reggae da Cigarra, parte 2, agora num arranjo de voz e violão.*

### **Música: Reggae da Cigarra – Parte 2**

O que tem lá?/ Um alecrim/ O que trará?/ Há, há, há, há/ Alegria pra você/ Alegria pra miiimm/ O que tem mesmo lá?/ Um alecrim/ A risada vai te encontrar/ Disfarçada num reagge/ Quando o bicho da alegria passar com o alecrim, pegue! Há, há, há, há, há, há.../ Há, há, há, há, há, há.

**Tíbeti:** Escutem. Essa é a voz dela.

*Todos aproximam o ouvido do toco. Saem de cena.*

**Quadro 11 de sombras:** A Cigarra está cantando para o Bicho Podre, no centro do buraco.

**Bicho Podre:** Oh! Yeah!

**Cigarra:** Pô, Bicho, tens um grave fenomenal! Acho que podemos fazer uma dupla alto astral. Você vai curtir. *(Canta com o Bicho Podre, enquanto termina a cena de sombra.)*

*Cigarra e Bicho Podre seguem cantando até que a luz da tela se apague.*

## CENA 7

### A VOLTA PRA CASA

*De volta à tapadeira todos dão risada.*

**Lucas:** Puxa, a Cigarra e o Bicho Podre formaram uma dupla genial!

**Tíbeti:** He, he, meu chapa, você venceu o Bicho Podre e está aí todo alegreão, hein?

**Francileide:** E agora o Bicho Podre também tem coisa melhor para fazer. Isso de só ficar curtindo tristeza não dá certo pra ninguém.

**Tíbeti:** Vamos pra casa festejar o resgate da minha amada Francileide.

*Começa a música instrumental. Lucas, Francileide, Tíbeti e Tatu vão andando. O toco sai de cena. Aparecem Lucas e Francileide.*

**Francileide:** Você precisa conhecer melhor a terra dos gnomos e minha joaninha de estimação. Ah! E as nossas xícaras. Em vez de uma asa, têm duas, e voam do armário para a mesa e da mesa para a pia, onde tomam banho. São tão higiênicas! *Voltam as árvores do cenário da floresta. E todos aparecem caminhando.*

**Tíbeti:** Epa, espera aí, pessoal! Tatu, me ajuda. Foi aqui que escondi um presente para você, minha bela.

*Tatu cava e aparece com o bauzinho.*

**Francileide:** Nossa, que tem aí dentro?

**Tíbeti:** Uma surpresa. Você vai adorar, minha amada!

*Francileide abre o baú e tira uma grinalda de lá.*

**Francileide:** Ai, que maravilha! Agora podemos nos casar, meu benzinho!

*O cristal que Lucas havia recebido de Pluna começa a brilhar.*

**Tatu:** Lu-Lu-Lucas, o seu peito tá-tá-tá-tá brilhando!

**Lucas:** É o cristal... Está avisando que é para eu voltar pra casa.

**Francileide:** Mas não vai fazer mal se você ficar um pouquinho mais para assistir ao nosso casamento.

**Lucas:** Eu topo.

*Começa a tocar a marcha nupcial. Tíbeti e Francileide se posicionam para o casamento que é interrompido pela entrada de Pluna.*

**Pluna:** Vigipoliné coroshusibá.

**Francileide:** Ela disse que está na hora.

**Pluna:** Sibi desnodenu, siriditumbum.

**Tíbeti:** E se não sair deste mundo agora, terá que ficar aqui para sempre.

**Lucas:** Ela disse isso?

**Tíbeti:** Não, isso sou eu que estou lhe dizendo, meu chapa. Ela disse que está na hora de dormir.

*Volta a tocar a música instrumental. Todos saem da tapadeira, restando apenas Pluna. Tíbeti e Lucas voltam, trazendo a tapadeirinha para o sótão. Tíbeti se despede de Lucas. Música finaliza.*

## CENA FINAL

### NÃO DÁ PRA DEIXAR DE BRINCAR

*Gabi aparece atrás da tapadeirinha.*

**Gabi:** E aí, Lucas, gostou da aventura?

**Lucas:** Gostei, e olha quem eu trouxe pra brincar (*mostra a bonequinha Francileide na mão.*)

**Gabi:** Você trouxe a princesa! Não a princesa... A gnoma... (*Ri.*)  
Que amor! A gente podia brincar de fazer os dois se casarem, que tal?

**Lucas:** Vamos.

*Começam a cantarolar a marcha nupcial, enquanto brincam com Tíbeti e Francileide atrás da tapadeirinha. Começa a tocar a música "Lá pra cima". Lucas e Gabi vão para o balcão e depois se sentam na tapadeirinha. Pai aparece com a Pluna. Todos dançam e vão saindo de cena.*

Fim

## FICHA TÉCNICA DA PRIMEIRA MONTAGEM — TEATRO DO PIÁ (2015)

**Texto:** Joanita Ramos;

**Direção e dramaturgia para formas animadas:** Renato Perré;  
**Elenco:** Candiê Marques, Doriane Conceição e Renato Perré;

**Confecção de bonecos e adereços:** Candiê Marques, Marinalva Furlan e Renato Perré;

**Composição e direção da trilha sonora:** Candiê Marques e Doriane Conceição;

**Figurinos:** Paola Burkot;

**Cenários:** Katia Horn;

**Cenotécnica:** Edison Naindorf;

**Design gráfico:** Alessandra Horn;

**Iluminação e assistência de produção:** Judite Fiorese;

**Comunicação:** Natu Marques;

**Realização:** Companhia Filhos da Lua.

# PATRACA, O PALHAÇO ASTRONAUTA

## **PERSONAGENS**

Luna, a menina;

Osmar, o menino;

Dona Glória, mãe de Luna;

Homem de Branco, obcecado por normas;

Dona Socorro, velha tartaruga que acompanha Patraca;

Patraca, o Palhaço Astronauta.

## **AMBIENTAÇÃO**

O cenário desta peça tem uma casa ou prédio com janela. Há também um jardim, perto da casa em que o palhaço Patraca “aterrissa” com sua “cápsula espacial”. A cápsula tem porta-rampa-escorregador, claraboia e vários compartimentos de onde surgirão surpresas para o público. As imagens de constelações para uma “viagem intergaláctica” são projetadas ou criadas com efeitos de sombras e luzes. Há uma “ambulância” enfeitada com materiais reciclados. E, em certo ponto da encenação, será colocado um muro com uma guarita, onde ficará o Homem de Branco.

## CENA 1

### UM MISTÉRIO QUE DÁ MEDO

*Do lado de fora da casa, Osmar sopra bolinhas de sabão, esforçando-se para que entrem pela janela.*

**Osmar:** Luna... Luuunaaa... Luunaaaa.

*Na janela surge uma boneca, segurando uma caixinha entre suas mãos.*

**Osmar:** Oi, Miloca. Vocês querem brincar?

*Luna aparece na janela.*

**Luna:** Queremos!

*Osmar sai do jardim, enquanto Luna sai da casa e os dois se desencontram. Ela carrega a boneca e tem um estetoscópio no pescoço.*

**Luna:** Ué? Cadê o Osmar? *(Está brincando de ser a boneca.)*

*Acho que ele foi buscar o Guarani. (Coloca o estetoscópio na boneca.)* Vamos ouvir o seu coraçãozinho enquanto isso.

*Um objeto estranho, parecendo uma cápsula espacial, está aterrissando e chama a atenção de Luna. Osmar chega sobre seu cavalo de pau.*

**Osmar:** Ôôôô.

**Luna:** *(Pedindo silêncio com um gesto.)* Pchchch...

**Luna:** Que será que é?

**Osmar:** Não põe a mão. Que tal se dá choque?

*Ambos se afastam do objeto misterioso*

**Luna:** Não está vendo, Osmar? É... É um balão.

**Osmar:** Balão não é. Não tem fogo dentro.

**Luna:** *(Para a plateia.)* O que é que pode ser, hein?

**Osmar:** Acho que é... Um mistério.

**Luna:** Vamos ler pra ele o poema do mistério? *(Para a boneca.)*

*Dá licença, Miloca. De dentro da caixinha que sua boneca segura, Luna tira um papel enrolado. É um poema.*

**Osmar:** Ler pra quem?

**Luna:** Pro mistério, ué! Vai, faz cara de mistério que eu leio o primeiro verso.

## Poema (ou música) do Mistério

**Luna:** Toda caixinha tem o tamanho de um grande mistério.

**Osmar:** É que nem criança que é, frente e verso, um baita segredo do universo.

**Luna:** *(Coloca o estetoscópio no peito de Osmar.)* Eu sempre examino e todo segredo é assim, igual a um menino, ninguém sabe bem *(Osmar vira de costas para receber o estetoscópio.)* de onde ele vem, pra onde ele vai. Que tipo de invento ele é aí dentro?

*Correm para se aproximar do objeto desconhecido.*

**Osmar:** Mas que engenhoca!

**Luna:** Será que não é um cisco que caiu do olho do céu?

**Osmar:** Um saco de pipoca é que não é! Estou ficando com medo.

**Luna:** Pode ser um segredo. Ou então...

*Uma porta do objeto que parece uma cápsula espacial é aberta, mas ninguém sai.*

**Luna e Osmar:** *(Juntos.)* Uma assombração!?

*As crianças se escondem na casa e ficam sondando.*

**Osmar:** Vai lá. Eu e o Guarani *(Cavalo de pau.)* damos cobertura.

*Luna anda até o meio do caminho, mas volta depressa.*

**Luna:** Não dá pra chegar mais perto. Olha como a Miloca *(Boneca de Luna.)* está tremendo de medo, coitadinha.

**Osmar:** Ah, já descobri o que é: uma cápsula espacial. Não é assombração, Miloca, não fica com medo!

**Luna:** Mas ela também tem medo de cápsula espacial.

**Osmar:** Então deixe que ela fique aqui comigo. Vai.

*Luna se aproxima novamente da cápsula, apreensiva, e dá uma olhada pela porta que se abriu. Volta surpresa e entusiasmada.*

**Luna:** Por dentro ela é toda colorida.

**Osmar:** Tem alguém lá?

**Luna:** Não sei, não dá pra ver. Vamos chegar mais perto. Vem.

## CENA 2

### DE QUE MUNDO ELE VEM?

*Música de suspense. Um homem vestido de astronauta escorrega para fora da cápsula e as crianças levam um baita susto. O astronauta finca no chão uma bandeira, com um sorriso e um nariz de palhaço desenhado, lembrando uma lua. Na bandeira está escrito "Novo Mundo da Lua". Depois o astronauta fica parado, quieto. Luna bate no capacete: "toc, toc, toc".*

**Patraca:** Vocês são lunáticos?

*As crianças se assustam.*

**Osmar:** Nããão. Nós somos... Terráqueos, eu acho.

**Luna:** Será que ele pensa que aqui é a Lua? Que doidura!

**Osmar:** O senhor é um astronauta?

*Patraca olha pra todo lado e tira o capacete.*

**Luna:** É um palhaço!

**Patraca:** Senhor sou eu? Que é isso? Pode me chamar de você. Ele mostra às crianças, com seus gestos, como fazer um cumprimento de palhaço.

**Patraca:** Meu nome é Patraca! Patraca, laraca, lalaralararaca!

**Osmar:** Que nome engraçado você tem. Parece um trava-línguas.

**Patraca:** Assim como "o peito do pé de Patraca é preto"?

**Luna:** "Quem disser que o peito do pé de Patraca é preto, tem o peito do pé mais preto do que o peito do pé do pai do Pedro". Ai, eu me atrapalhei.

**Osmar:** Meu nome é Osmar. E ela é a Luna.

**Patraca:** Ora, vejam. Osmar tem mar no nome, e Luna tem nome de lua. Osmar e lua, Luna e mar dá vontade de poetizar. Patraca tira da nave um instrumento musical e se põe a cantar:

### Poema (ou música) de Luna Enamorada

**Patraca:** A Lua olha-se no espelho das marés  
Enquanto a onda beija os pés da menina e do menino,  
Os rostos deles têm a Lua estalada

Porque a imagem encantada não desgruda do olhar  
 Quem é que vai agora me explicar como pode uma estrela  
 Que é do céu morar no mar  
 E como no mar aterrissa a Lua noviça  
 Se ainda não sabe nadar?

**Patraca:** E só pra finalizar ouçam bem o fanfarrão: “se o sertão virar mar, se o mar virar sertão, vocês podem namorar”  
*O palhaço cai na risada e as crianças ficam encabuladas.*

**Luna:** Mas aqui onde a gente mora não tem sertão.

**Osmar:** É. Nem mar.

**Luna:** E eu sou muito nova pra namorar.

**Patraca:** Eu sei. Agora não. Mas um dia irão ouvir o alarme do seu coração. *(Aperta sua própria roupa, fazendo soar uma campainha.)* Bloom, bão, bloom bão, bloom bão.  
*Patraca cai na risada novamente.*

**Luna:** Você conhece a Lua bem de pertinho, Patraca?

**Osmar:** Normal, Luna. Não está vendo que ele é astronauta?

**Patraca:** Normal, não, meu irmão. Que bem de pertinho, aqui ou lá na Lua, nada e ninguém é normal. Na Lua tem São Jorge, um cavaleiro que brinca com um dragão maluco que se acha o tal. Todo mundo considera sensacional o namoro entre a Lua e o Sol. Maaas... Não sei, não. Dizem que toda vez que a Lua ganha do Sol um beijo, dois beijos, três beijos, fica com a cara parecendo um queijo.

**Osmar:** Você é astronauta mesmo?

**Luna:** Com esses truques de palhaço, você não parece um homem do espaço!

**Patraca:** E por que, samba-lelé, a gente tem de ser só uma coisa na vida? Sou astronauta e sou palhaço. Qual é o embarço?

**Osmar:** Você estudou pra ser palhaço-astronauta?

**Luna:** Acho que ele nasceu assim.

**Patraca:** Ah, eu nasci mesmo, mesmo, mesmo, poeta. Poeta eu nasci. Depois estudei pra ser dentista, jornalista, congressista, maquinista, zootecnista e foi tanto “ista” que virei artista. Mas um dia eu achei este planeta aqui meio sem graça, sabe? Então

resolvi ir rumo ao espaço, pra, com meus amigos de abraço, inventar um mundo novo.

**Osmar:** Essa é sua missão espacial? Inventar outro mundo?

**Patraca:** Ah, este aqui já não está tão bom. Não mesmo! (*Cochichando.*) Dizem que vão lotear a Lua. Dividir como se fosse um bolo. Ah, um pedaço tem de ser nosso.

**Osmar:** Daí a gente vai morar na Lua?

**Luna:** Mas quem vai mandar no Mundo da Lua?

**Patraca:** Ninguém. Ou melhor, no fundo, fundo, fundo... Todo mundo.

**Luna:** Como assim?

**Patraca:** Todo mundo que for para o Novo Mundo da Lua vai dar palpite.

**Osmar:** E na hora da decisão?

**Patraca:** Quem tiver opinião que erga o dedo e arrebite o bundão. *Vendo as crianças fazerem com ele esse gesto, Patraca cai na risada.*

**Osmar:** (*Para Luna, cochichando.*) Eu acho que essa missão espacial do Novo Mundo na Lua aí nem existe.

**Luna:** Ou sim.

*Patraca se entristece. Pequena pausa com música triste.*

**Patraca:** Por enquanto, só pra mim.

**Luna:** Mas eu acho a ideia legal.

**Patraca:** Minha missão é especial. Exige muito planejamento! Meu intento era chegar à Lua para escolher um terreno. Um lote pequeno. E conhecer os lunáticos. Mas quando eu abri a porta... Tcharããã! Encontrei, encontrei esses meninos simpáticos. Certeza que não são lunáticos?

**Osmar:** Certeza.

**Luna:** (*Fazendo a boneca Miloca falar.*) Somos terráqueos.

*Patraca coça a careca, com um jeito pensativo.*

**Patraca:** Tanto sonho, tanto cansaço e, até agora, (*Mostra a careca.*) só meu cabelo foi pro espaço.

*Osmar sai pinoteando no seu cavalo de pau.*

**Osmar:** Não se preocupe, seu palhaço, um dia a gente pega a Lua a laço.

## CENA 3

### COMBINAR NÃO É FÁCIL

*Patraca entra na cápsula e vai lançando objetos para fora dela, enquanto as crianças ficam explorando os objetos. Entrega à Luna um colchão inflável e a Osmar uma bomba de inflar. O menino começa a encher o colchão de ar.*

**Osmar:** Mas isso é um colchão.

**Patraca:** Só se lhe faltar imaginação.

**Luna:** Não tá vendo, Osmar? É um veículo intergaláctico!  
*As crianças começam a encher o colchão com a bomba de ar.*

**Osmar:** Num instante vamos abastecer nosso veículo intergaláctico, comandante.

**Luna:** Vamos passear pelo espaço sideral!

**Patraca:** Decidam logo quem vai montar, digo, pirar, pintar, pingar, pigarrar, pindocar, pinotear, apimentar, pipetar, pelotear, empirulitar, plelelelepli... Pi-lotar o veículo?

**Luna e Osmar:** Eu piloto.

**Luna:** Você sempre quer mandar na brincadeira, Osmar!  
*Luna e Osmar continuam a discussão com mímica (melhor a plateia nem saber o que os dois estão dizendo um ao outro nessa hora. Basta que todos vejam os seus gestos exagerados e suas caras de brabos para saberem que ali tem um conflito). Enquanto isso, Patraca continua a tocar seu instrumento.*

**Patraca:** *(Ponteando sua fala com o instrumento musical.)* É assim que começam as guerras! E se fossem mandachuvas de planetas inimigos? Não iam sobrar nem os umbigos. Podiam causar uma guerra interplanetária sanguinária, quaternária, urticária, salafária... Céus! Segurem a onda, crianças. Se os dois querem fazer esta viagem intergaláctica, vão ter de conversar sem manha, até uma negociação "ganha-ganha".

**Osmar:** Mas que palhaço mandão. Que é que é isso? Ganha-ganha? Negociação?

**Luna:** Ué, o nome já está dizendo. Presta atenção: "ganha-ganha". Eu ganho e você ganha. Mas ninguém perde? Coisa estranha.

**Osmar:** Então, cada um vai pilotar um pouquinho?

**Luna:** Eu tenho uma ideia: e se a gente pilotar juntinho?

**Osmar:** Assim dá certo.

*Osmar enlaça Luna num abraço pra segurarem juntos a direção do “veículo intergaláctico”.*

**Patraca:** Ah, sossego, afinal. Enlaçados para viajar pelo fio da galáxia?

**Osmar:** Prontos pra viagem interplanetária.

**Luna:** Que “maluqueza”!

**Patraca:** Vamos subir até poder admirar o planeta azul.

**Luna e Osmar:** Uhuuu!

*Aparecem imagens das constelações.*

**Luna:** Um dia eu quero aprender o nome de tudo o que a gente vê no céu.

**Osmar:** Aquele ali é o Cruzeiro do Sul.

**Luna:** Aquelas três estrelinhas maninhas, eu sei: são as Três Marias.

**Patraca:** Reparem na Ursa Maior. Lugar de abraço estelar. E ouçam o universo cantar, crianças.

## CENA 4

### UM AMIGO LEVADO

*Todos ouvem o barulho de uma sirene. Uma ambulância chega rapidamente, dirigida por um Homem de Branco que vai empurrando Patraca para dentro dela.*

**Homem de Branco:** Vamos, vamos voltar para o seu lugar, seu fujão. Huum, você está precisando de um bom banho, Patraca.

**Patraca:** Dona Maria, traz a bacia.

**Homem de Branco:** Banho de chuveiro, seu arteiro.

**Osmar:** Moço, porque o senhor está levando o Patraca?

**Luna:** Você já quer ir embora, Patraca?

*Mexendo a cabeça sem palavra, Patraca responde que não.*

**Homem de Branco:** Este senhor está “fora da casinha”, crianças. Ele vai para o Hospital Geral de Normas e Tal.

**Luna:** Mas ele não pode ir agora, moço. Ele está muito ocupado brincando com a gente.

**Homem de Branco:** Aconselho que fiquem longe dele.

**Osmar:** E agora?

**Patraca:** Socooooorro! Procurem na claraboia, crianças!

*Patraca é levado pela ambulância, antes que possa dizer mais palavras.*

**Osmar:** Claraboia, claraboia, claraboia.

**Luna:** Você sabe o que é claraboia?

**Osmar:** Eu não.

**Luna:** Manhêêê, ô, manhêêê. *Doutora Glória aparece na janela.*

**Doutora Glória:** Que foi minha filha?

**Luna:** Sabe o que é claraboia?

**Dona Glória:** Claro. Claraboia é uma janela redonda, ou fresta, por onde entra luz numa casa ou numa cápsula (*Aponta distraidamente.*) como esta. Opa! Isso não deveria estar aqui. (*Sai da janela e junta-se às crianças.*)

**Luna:** Ih, mãe. É uma história bem comprida.

**Osmar:** Primeiro apareceu um astronauta nessa cápsula espacial.

**Luna:** A gente pensou que era astronauta, mas era um palhaço.

**Osmar:** Aí a gente brincou, e ele ficou nosso amigo. O problema é que ele estava “fora da casinha”.

**Luna:** Tem macaquinhos no sótão, sabe? Maluqueza!

**Doutora Glória:** Macaquinhos no sótão?

**Osmar:** Maluco beleza, dona Glória.

**Doutora Glória:** Ah, entendi. E onde ele está agora?

**Osmar:** O Homem de Branco levou o Patraca para o Hospital Geral de Normas e Tal.

**Luna:** Ele é meio malucão mesmo. Mas é nosso amigo.

**Osmar:** Amigão! É ruim a gente nunca mais poder brincar com ele.

**Luna:** Ele só pediu Socorro e falou a palavra claraboia. A gente não entendeu nada.

**Osmar:** Vem, Luna, vamos ver o que tem na claraboia.

## CENA 5

### DEPOIS DAS PALAVRAS CLAREADAS

*Abrindo a “claraboia” da cápsula, as crianças encontram uma velha tartaruga acordando.*

**Luna:** Ah, quem é a senhora?

**Socorro:** Socorro!

**Osmar:** Ela tá pedindo Socorro.

**Dona Glória:** Será que esse Patraca... Pedro... Catraca... Prataca... Pataca... Pa-tra-ca é sequestrador de animais silvestres?

**Osmar:** A senhora está presa aí?

**Socorro:** Socorro meu nome é. Eu aqui moro desde que Patraca uma sacola plástica da minha garganta tirou.

**Luna:** Viu como o Patraca é legal, mãe? Ele salvou a tartaruga.

**Osmar:** Será que ela fala desse jeito enrolado de tanto engolir sujeira do mar?

**Luna:** Nada a ver, Osmar. Língua de tartaruga não é igual de gente mesmo.

**Dona Glória:** O que a senhora sabe sobre a doença do palhaço Patraca, dona Socorro?

**Socorro:** Doença dele para mim segredo é.

**Osmar:** Ih, eu acho que essa tartaruga é mais maluca que o Patraca.

**Socorro:** Maluca não sou. Mas muito velha estou.

**Doutora Glória:** Descanse, dona Socorro. Nós vamos ajudar o Patraca.

## CENA 6

### OS “SINTOMAS” DE PATRACA

*Dona Glória, Luna e Osmar caminham, caminham, caminham... Chegam à porta junto de um grande muro que diz “Hospital Geral de Normas e Tal”. Numa janelinha, ao lado da porta trancada, está o Homem de Branco, que havia levado Patraca.*

**Dona Glória:** Queremos ver o Patraca.

**Homem de Branco:** Lamento, senhora, não podem entrar.

**Osmar:** Por que não?

**Homem de Branco:** São as normas.

**Luna:** Então o senhor chama o Patraca aqui na janelinha pra gente conversar?

**Homem de Branco:** Não podem conversar com os pacientes.

**Glória:** Por que não?

**Homem de Branco:** São as normas.

*Surge um veículo estranho, vindo lentamente de trás do grande muro do hospital. É uma ambulância como a que havia levado o Patraca, mas está toda enfeitada com muitos cacarecos coloridos, como sapatos velhos, frascos, tiras e fitas, copos plásticos, latas vazias etc. E muitas palavras pintadas e bordadas por todo lado. Quem está dirigindo é o próprio Patraca. As crianças logo o reconhecem, mas fingem que não, para despistar o Homem de Branco. Também dona Glória se esforça para atrair a atenção dele e evitar que note o palhaço em fuga.*

**Dona Glória:** O senhor poderia nos dizer que doença tão grave ele tem? Se é que o caso dele é grave mesmo...

**Homem de Branco:** Grave, gravíssimo. Começou com invenção de palavras. Isso quando Patraca ainda era um menino. A senhora imagine.

*Patraca está passando vagarosamente com seu veículo pelo lugar em que está o Homem de Branco. Dona Glória e as crianças, para distrair o vigilante, conversam com ele num ritmo acelerado.*

**Luna:** Tipo assim, cacarecopatia?

**Homem de Branco:** Que é isso, menina?

**Osmar:** A brincadeira é assim. A gente inventa a palavra e o senhor inventa o significado. Feito?

**Homem de Branco:** Não posso brincar. As normas não permitem.

**Dona Glória:** *(Preocupada com o risco de o Patraca ser visto.)* Cacarecopatia é a doença de quem pendura cacarecos por tudo o que inventa... Que tal?

**Luna:** O senhor sabia que minha mãe é doutora?

**Homem de Branco:** Ah, a senhora é médica?

**Luna:** (Rindo.) Não. Doutora em poesia.

**Homem de Branco:** Sérico? Eu nem sabia que isso existia. Ah, Patraca também ficava horas parado a olhar as formigas. Às vezes ele as seguia até o formigueiro.

**Osmar:** Quem não gosta de ver as formigas carregando as folhas?

*Patraca continua a passar, cuidadosamente, no seu novo veículo.*

**Luna:** (Gesticulando para apressar o Patraca.) Eu e a Miloca, a gente gosta mais de olhar pro céu. Um dia ela ficou até emocionada com uma mamãe passarinha que voou com uma minhoca no bico e colocou dentro do biquinho aberto do passarinho bebê.

**Homem de Branco:** Mas Patraca delira! Vive dizendo que estrelas são pipocas com purpurina que Deus estourou no céu para alimentar os olhos das crianças na terra.

*Patraca ainda está passando, com cuidado, lentamente.*

**Luna:** Mãe, a Miloca está ficando nervosa.

**Doutora Glória:** Hummm, eu já estou aqui suspeitando de uma coisa... Conte-me mais: que outros sintomas assim o senhor observou no Patraca?

**Homem de Branco:** Muitas palavras "feias".

**Osmar:** Que nem "chulé"?

**Luna:** Chulé não é palavra feia, é palavra fedida, Osmar.

**Osmar:** Xixi, cocô?

**Luna:** Ui, essa é feia e fedida!

*Patraca continua passando e novamente faz barulho. O homem demonstra ter ouvido algo, mas dona Glória o distrai novamente.*

**Doutora Glória:** Pum!

**Homem de Branco:** Como?

**Dona Glória:** E se eu contar ao senhor sobre uma menina que só se animou para aprender o alfabeto, depois que descobriu que podia escrever a palavra "pum"?

**Luna:** Ah, mãe.

**Dona Glória:** Luna, isso também não é doença nenhuma!

**Homem de Branco:** Há, há, há. Mas o Patraca, dizem que desde pequeno, sempre foi muito exagerado. Ria, ria, ria... Ah, e fazia milhões de perguntas.

**Doutora Glória:** Ah, criança é curiosa mesmo.

*Patraca faz barulho novamente. O Homem de Branco, de novo, parece desconfiado. As crianças começam a falar mais rápido...*

**Luna:** Por que não é a galinha quem bota ovo de Páscoa?

**Osmar:** Passarinho tem alma?

**Luna:** Como é que a minha avó diz "vai com Deus" pra mim e para os meus três primos, se cada um vai pra um lugar diferente?

**Osmar:** Deus deve ser um monte de gente!

**Luna:** Na barriga da perna da mulher também cresce nenezinho?

**Homem de Branco:** Claro que não. Puxa, assim vocês me deixam tonto.

**Osmar:** E o que fica molhada quando seca?

**Luna:** Toalha.

**Osmar:** Ahá! Cai em pé e corre deitado?

*O carro de Patraca pifa e Osmar o ajuda a empurrar.*

**Doutora Glória:** Essa eu sei! Éééé...

**Homem de Branco:** O pingo de chuva!

**Doutora Glória:** Francamente. Se for assim, não me parece que esse Patraca seja doente. Ele apenas se diverte, como todo palhaço que se preze.

**Homem de Branco:** Mas o mais grave de tudo, aliás, gravíssimo, é que ele diz que quer ir para o Mundo da Lua.

**Doutora Glória:** Isso é só um jeito de falar.

**Luna:** Não é não, mãe. O Patraca quer criar o Novo Mundo da Lua.

**Doutora Glória:** Tudo isso é muito bom. Se ele brinca tanto com as palavras e usa tanto a imaginação, o que ele tem são... Sintomas de poesia!

**Homem de Branco:** Sintomas de poesia?

**Dona Glória:** Isso lhe parece grave.

**Homem de Branco:** Bom, a senhora falando assim, acho que gravíssimo não é. Mas como a senhora sabe, temos as normas. E quem não é normal... A senhora sabe...

**Luna:** A palavra que o senhor mais gosta é norma?

**Osmar:** A palavra que a Luna mais gosta é pum! (Ri.)

**Homem de Branco:** Há, há, há. A palavra que eu mais gosto é "bloom".

**Luna:** Que que é bloom, mãe?

**Homem de Branco:** Significa desabrochar em inglês.

*Patraca continua tentando passar silenciosamente, enquanto dona Glória o observa, aflita. Mas o palhaço acaba fazendo certo barulho e o homem parece desconfiar.*

**Dona Glória:** Que palavra linda, não, crianças? Bloom, bloom, bloom...

*As crianças percebem que o que a doutora Glória quer é fazer barulho para disfarçar os ruídos de Patraca passando. Luna e Osmar ajudam a dar cobertura ao Patraca, repetindo a palavra de diferentes modos.*

**Osmar, Dona Glória e Luna:** Bloom, bloom, bloom, blooomm...

**Homem de Branco:** Vocês já foram examinados aqui? Eu recomendo.

*Continuando a fazer música com a palavra bloom as crianças e dona Glória vão se afastando do Homem de Branco até alcançarem Patraca. Todos embarcam na "ambulância" esquisita. E voltam, cantando pelo caminho...*

### **Música da gravidade**

*Grave, gravíssimo, grave, gravíssimo, grave, gravíssimo... É o som do bugio.*

**Dona Glória:** O som que sumiu, o som que se abriu.

**Osmar:** O som da palavra que ela descobriu:

**Todos:** Pum!

**Glória e Luna:** Palavras brincantes, palavras cantantes!

**Luna:** Palavras mocinhas e velhas também!

**Osmar:** Palavra grávida tem?

**Todos:** Tem. E com muitos filhotes!

**Dona Glória:** Se tem o sintoma, que sorte! É poeta o neném.

## CENA FINAL

### INAUGURAÇÃO DO NOVO MUNDO DA LUA

**Osmar:** Dona Socorro, olha o Patraca aí, de novo!

*A tartaruga acorda, animada com a chegada de Patraca.*

**Socorro:** Patraca? Quem Patraca disse?

**Osmar:** Dá uma olhada nessa máquina que o Patraca construiu!

**Patraca:** Oi, Socorro! É a minha ambulância imagética. Aqui tem um monte de coisas poéticas, estéticas, caquéticas, empoleiradas, empaçocadas, diversificadas.

**Socorro:** Feliz estou por Patraca voltar. Mas agora como ser vai? Se aqui circo não há pra palhaço trabalhar?

**Patraca:** Ah, não fica bem para uma tartaruga ficar nessa aflição. Vou trabalhar no pronto atendimento da imaginação.

*As crianças manobram o novo veículo, a ambulância, revelando um outro lado em que está escrito: "Pronto Atendimento da Imaginação Novo Mundo da Lua".*

**Osmar:** A cápsula espacial vai virar hospital?

**Dona Glória:** Não um hospital. Mas um centro cultural para tratar dos sintomas da imaginação.

**Patraca:** É claro que a minha experiência hospitalar vai contar. Vai ter um tratamento de surfe nas nuvens fenomenal.

**Socorro:** Pra quem mais de cem tem, atividade haverá também?

**Patraca:** Tratamento es-pe-ci-al: massagem com pilotagem reumática, lunática, parassimpática, Socorro!

*Osmar gira uma corda no ar.*

**Osmar:** E torneio de laço nos astros, vai ter?

**Patraca:** Siiimmm. E contagem de constelações, excursões a museus nos verões, sarau e luau com mingau...

**Luna:** Na praia?

**Patraca:** Não. No canavial. *(Cai na risada mais uma vez.)*

**Luna:** A Miloca gostou que você resolveu fundar o Novo Mundo da Lua aqui mesmo, Patraca. Ela não estava a fim de ir pro espaço.

*Patraca tira um embrulho da ambulância.*

**Patraca:** Mesmo assim, fiz pra ela um figurino.

*Luna começa a vestir, entusiasmada, a roupinha de astronauta na boneca.*

**Luna:** Obrigada!

**Dona Glória:** Eu também fico muito feliz que as crianças possam ajudar a fundar um outro mundo aqui mesmo.

**Osmar:** A gente não pode esquecer de mágica, malabares, corrida do limão, leitura e contação... Escolhendo as melhores histórias.

**Patraca:** Por favor, podemos deixar os detalhes pra depois? Estou ansioso, trabalhoso, orgulhoso, esperançoso...

*O palhaço tira Socorro da claraboia.*

**Socorro:** Cuidado, Patraca. Mocinha não mais eu sou.

Dona Glória vai ajudar e olha dentro da claraboia.

**Doutora Glória:** Mas que surpresa!

**Osmar:** O que é que tem aí?

**Patraca:** O que tem aqui é fantástico, escolástico, bombástico, sensacional.

**Luna:** Não é o ninho da Socorro?

**Patraca:** Mas o ninho dessa senhora é uma cartola.

*Patraca começa a tirar livros do "ninho" da tartaruga. E vai distribuindo às crianças. Luna pega o primeiro.*

**Luna:** Uma história de passarinho. Alguém vai ter que me ajudar a ler...

*Luna senta-se perto de Socorro e ficam lendo juntas.*

**Patraca:** O segundo... *(Para Osmar.)* Psssiu.

**Osmar:** É a história daquela baleia... Oba!

*Entra o Homem de Branco. Música de suspense. Todos ficam paralisados.*

**Homem de Branco:** Patraca, você disse aos seus colegas lá no hospital que tinha uma cápsula cheia de livros. Não disse? *Patraca fica de costas para o Homem de Branco. De frente para a plateia, amedrontado. Demora a responder.*

**Patraca:** Sim.

**Homem de Branco:** Pois agora todos lá querem ler. Será que você poderia ceder uns livros para os nossos pacientes?

*O palhaço se surpreende e se entusiasma.*

**Patraca:** *(Cheio de alegria.)* Siiimmm.

*Patraca e dona Glória reúnem um punhado de livros e os entregam ao Homem de Branco.*

**Homem de Branco:** E será que você podia, um dia, quando puder, receber seus colegas aqui e fazer com eles alguma inventiva, assim como a sua ambulância?

**Patraca:** Mas é claro.

**Luna:** Ué, e as normas?

**Homem de Branco:** Mudaram. O hospital está sob nova direção.

**Dona Glória:** Mas é claro. Já vou agendar aqui: “Encontro criativo para os pacientes do Hospital Geral de Normas e Tal.”

**Homem de Branco:** Agora se chama “Hospital Geral Etc. e Tal”. Caíram as normas.

**Patraca:** Pois este novo mundo é pra quem vier. Aqui temos uma constelação de corações... Digo, de ações. E histórias de todo tipo pra quem quiser!

**Homem de Branco:** Muito grato, Patraca.

*Começam a entrar no palco principalmente crianças, de diversas raças e diversos jeitos. Patraca e seus amigos vão distribuindo livros, que as crianças vão abrindo com gosto. E se espalham animados pelo espaço da encenação.*

**Patraca:** Como diria a Socorro: “todos casos de poesia são”.

**Doutora Glória:** *(Olhando para o montão de crianças.)* Pra tratar de tanta imaginação, vamos precisar de muita inspiração.

**Patraca:** E pra gente se inspirar, que tal uma de-cla-ma-ção?

**Dona Glória:** Ou uma canção!

## Poema-canção do palhaço poeta

**Dona Glória:** Por querer um mundo assim e assado

Todo encantado

Por excesso de poesia... diziam que o palhaço...

**Socorro:** Fora da casinha vivia...

**Luna:** Mas por quê?

**Todos:** Se ele tanto sorria, olelê?

E o palhaço o que é?

**Osmar:** É divertido e feliz!

**Todos:** Amigo e aprendiz!

**Dona Glória:** Aprendiz desse mundão

Do planeta Terra

Do Mundo da Lua

Da vida sem guerra.

**Patraca:** Da terra que é sua.

**Dona Glória:** Conversa com verso do amor e da amora.

Da poesia do espaço onde a norma é?

**Todos:** É o abraço!

**Socorro:** E o palhaço onde mora?

**Todos:** É aqui que ele mora.

**Dona Glória:** Em toda casinha.

**Osmar:** No mar que ele adora.

**Luna:** Na Lua que é minha.

**Osmar:** E atrás do astronauta o que tinha?

**Todos:** Tinha um palhaço.

**Luna:** E atrás do palhaço o que tinha?

**Todos:** Tinha o poeta.

**Dona Glória:** E atrás do poeta o que tinha?

**Todos:** Tinha o Patraca!

**Osmar:** E o Patraca o que é?

**Todos:** Astronauta-palhaço e poeta ele é!

Oolelê!

*Fim*

# FICHA TÉCNICA DA PRIMEIRA MONTAGEM — TEATRO DO ABRAÇÃO (2017)

**Texto:** Joanita Ramos;

**Direção e coreografias:** Letícia Guimarães e Maurício Vogue;

**Dramaturgia:** Processo colaborativo da equipe (com alterações sobre o texto original, autorizadas pela autora especificamente para aquele projeto de produção teatral);

**Cenografia:** Blas Torres e Élio Chaves;

**Iluminação:** Blas Torres e Ana Sercunvius;

**Figurinos:** Rayssa Gualberto;

**Fotografia e assessoria de imprensa:** Isabelle Neri;

**Sonoplastia, composição e direção musical:** Karla Izidro;

**Elenco:** Edgard Assumpção, Juliana Cordeiro, Kamila Ferrazzi e Simão Cunha;

**Realização:** Céu Vermelho em parceria com a Cia. do Abraço.

## TERMOS TEATRAIS PARA INICIANTES

Para quem está começando a fazer teatro, ou para quem precisa encontrar um jeito fácil de ajudar crianças, adolescentes ou adultos que estão vivenciando a experiência de ler ou encenar um texto dramático pela primeira vez, deciframos abaixo alguns termos encontrados neste livro:

**ADEREÇOS DE CENÁRIO** são as peças usadas para decorar, complementar o cenário. Ex.: uma vassoura, vaso de flor, uma caixinha de música.

**ADEREÇOS DE FIGURINO** são as peças usadas pela personagem, que complementam o figurino, como uma boneca, um colar, uma bolsa etc.

**ANIMAÇÃO DIRETA OU TRANSVERSAL** é a manipulação de bonecos em que os intérpretes seguram diretamente o boneco com as mãos ou usando hastes presas transversalmente ao corpo dele. Nesses casos, é comum um boneco ser articulado por dois ou três artistas, sendo que um controla a parte inferior, e outro, ou outros dois, as partes de cima do boneco.

**BONECO DE LUVA ou FANTOCHE** é um tipo de boneco que tem cabeça, pescoço e mãos geralmente feitas em papier-mâché e o corpo formado pela roupa, dentro da qual o operador esconde a mão. Assim, movimenta a cabeça usando o dedo indicador e, com o polegar e o médio, articula os braços. Normalmente não tem pernas, já que é o prolongamento do figurino que ajuda a ocultar o punho do responsável pela manipulação.

**CENA** é cada parte de um texto de teatro ou de uma peça. Pode ser considerada uma nova cena cada vez que um personagem entra ou sai. Ou cada passo que a história dá para ir mais adiante em seu desenvolvimento.

**CENÁRIO** é o conjunto de tudo que se usa para mostrar à plateia o que existe no lugar em que a cena ocorre. Nem sempre, num cenário, as coisas precisam ser do jeito que são na vida real. Ele pode ser simbólico.

**CONTRARREGRA** é a pessoa que põe todos os figurinos e adereços no lugar e organiza tudo para o perfeito encadeamento das cenas da apresentação, inclusive a entrada e saída de cena dos atores.

**COXIA** é o lugar em que os artistas se escondem do público, esperando o momento de entrar em cena.

**DIRETOR(A)** é uma espécie de líder do grupo que monta uma peça de teatro. É ele quem orienta os atores e combina com todos que assumiram tarefas (cenário, figurino, iluminação, música etc.) para tudo sair perfeito na hora da apresentação.

**DRAMATURGO(A) OU AUTOR(A) DE TEATRO** é quem escreve o texto de teatro, também chamado “texto dramático”.

**ELENCO** é o conjunto dos artistas que têm participação em uma ou mais cenas da peça.

**FIGURINOS** são as roupas usadas pelo ator, atriz ou boneco(a) para ajudar o público a entender as características das personagens.

**ILUMINAÇÃO**, em uma peça de teatro, é o conjunto de fontes e de estratégias de uso das luzes, que ajudam a criar a ambientação e atmosfera da cena. Ex.: cena de tristeza, de suspense, de alegria, o ambiente do espaço sideral ou um amanhecer.

**MONTAGEM TEATRAL** é o processo de desenvolvimento de uma peça a partir de um texto ou ideia.

**PLATEIA** é o grupo de pessoas que assiste a uma apresentação. Também se chama de plateia o lugar em frente ao palco, onde as pessoas sentam para assistir à peça.

**PERSONAGEM** é aquele que pratica as ações do texto ou peça de teatro.

**PRODUTOR(A)** é a pessoa que cuida de todas as providências práticas, administrativas e logísticas para a peça ser realizada. Ex.: comprar ou emprestar os materiais para o cenário e o figurino; contratar e pagar a costureira; providenciar ou checar cadeiras em que as pessoas da plateia vão se sentar; reservar a sala para as apresentações; pedir autorizações à polícia, corpo de bombeiros e outros órgãos, se for necessário à realização do espetáculo; providenciar transporte e alimentação para a equipe etc. Às vezes, são tantas ações que ele necessita de um “assistente de produção”.

**PALCO** é o local para a apresentação dos artistas. Entretanto, atualmente muitas apresentações são feitas fora do palco, em pátios, ruas, praças e até dentro de ônibus.

**RUBRICA** é cada pedacinho do texto de teatro em que o autor descreve aquilo que não é falado pelas personagens, que é apenas ação. Geralmente a rubrica aparece diferenciada, por exemplo, em negrito, itálico ou entre parênteses.

**SILHUETAS DE SOMBRA** são figuras recortadas, feitas geralmente em papel grosso, a partir do desenho das personagens e outros elementos do texto, que são manipuladas atrás de uma tela ou tecido para produzir cenas com suas sombras, a partir de fontes de luz previamente planejadas. Para facilitar o manejo, pode-se fazer um recorte da personagem de perfil e preso a hastes que ajudam a aproximar ou afastar da tela, alterando o tamanho, e inserir ou retirar a figura da cena.

**SONOPLASTA** é quem cria os sons que ajudam a contar uma história. Ex.: barulho de chuva, de vento, de assombração, de ambulância, passos de um cavalo etc. A sonoplastia pode ser gravada ou feita “ao vivo”. Ex.: pode-se agitar uma chapa de radiografia para fazer o som de uma tempestade, ou produzir o som de uma nave espacial subindo, com muitas crianças estalando suas línguas.

**TAPADEIRA** é uma estrutura feita geralmente de compensado ou tecido que serve para tapar tudo o que não interessa mostrar, enquanto uma cena se desenvolve (adereços de outras cenas, os bonecos que já saíram de cena ou ainda vão entrar etc.)

**TRILHA SONORA** de uma peça é a seleção de músicas usadas durante a apresentação.

## SOBRE A AUTORA



**Joanita Ramos** é autora, atriz, jornalista, educadora e mestre em Educação (UFPR). Foi repórter, pauteira, editora, crítica, curadora e consultora em Cultura; professora e coordenadora de curso de Jornalismo; Coordenadora do Programa Ler e Pensar, de Educomunicação, e professora convidada de pós-graduação da Academia Brasileira de Jornalismo Literário. Liderou projetos como *Container Cultural*, que levou livros, música ao vivo e sua peça *Entre Tangos e Fandangos* (direção: Mauro Zanatta) por dezenas de municípios num *container* que se abre em palco (projeto: Paola Burkot); e *Arte na Escarpa*, em que moradores de áreas rurais contracenaram com artistas na peça *Pequenas Memórias da Imensa Escarpa Devoniana*, escrita e dirigida por ela, junto com Enéas Lour, com base em histórias de vida e questões ambientais. Recebeu os prêmios Jornalista Amigo da Criança (Andi/Unicef); Dignidade Solidária, pela defesa de Direitos Humanos (Centro Paranaense de Cidadania) e Memórias de Vivência (Unespar), entre outros.

## SOBRE A EDITORA



A **ABC Projetos Culturais** é uma editora paranaense independente, fundada em 2007, no município de Ponta Grossa (PR), pela escritora e jornalista Alessandra Pirroncello Bucholdz. Ao longo de 17 anos, lançou cerca de uma centena de livros e revelou diversos escritores paranaenses. Em 2024 foi finalista do Prêmio Jabuti Acadêmico, com a obra *EspeleoPiraí: em defesa do patrimônio natural de Piraí da Serra/PR*, organizada por Henrique Pontes e Laís Massuqueto.

Além da produção editorial, a ABC Projetos Culturais promove ações de incentivo à leitura, utilizando várias linguagens complementares, como forma de interação e interface do público com as obras. Desse modo, provoca novas experiências, tornando o acesso à literatura ainda mais completo, mágico e imersivo, promovendo memórias afetivas que unem obras e leitores. A ABC Projetos acredita na leitura como pilar e caminho que inspiram e abrem janelas para diferentes universos.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

**@abcprojetosculturais**

## SINOPSE

*Tíbeti, o Gnomo* apresenta Lucas, menino que se recusa a falar, enquanto enfrenta a tristeza pela morte da avó. A amiga Gabi o encoraja a reativar a alegria, junto com bonecos que haviam sido confeccionados pela "vó Zeza". O principal desafio é entrar e sair do "buraco do Bicho Podre", o bicho da tristeza, que havia raptado a noiva do gnomo Tíbeti. Ao aceitá-lo, Lucas é conduzido a sustos e encantos, até curar a tristeza.

*Patraca, o Palhaço Astronauta* trata da coragem de ser e de assumir um amigo diferente. Patraca tem a fantasia de chegar à Lua e lá fundar um novo mundo. Por agir "fora da casinha", é tido por louco e afastado de seus amigos. Mas revela-se que Patraca não é louco, e sim poeta. A fantasia patraquiana inspira a todos na criação de "outro mundo", em que se possa exercitar livremente devaneios, exageros, curiosidades e outros "sintomas de poesia".

[DRAMATURGIA]



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

